

f Bimestral Mar/Abr 2016 /

FARMÁCIA PORTUGUESA

112

INOVAR EM SAÚDE

ARS do Centro aproveita farmácias contra a diabetes

INOVAR NOS NEGÓCIOS

Empresas de sucesso partilham experiências

INOVAR EM LISBOA

Maria da Luz Sequeira faz a cidade voar

A 12.º Congresso das Farmácias

**INOVAR
CONSIGO**





glintt

PARA AS FARMÁCIAS DO PRESENTE E DO FUTURO

PELAS FARMÁCIAS E PARA AS FARMÁCIAS



©TIAGO MACHADO

DUARTE
SANTOS

FUTURO

Esta edição da Revista Farmácia Portuguesa é especialmente dirigida ao futuro.

O nosso tema central é o 12.º Congresso das Farmácias – A Inovar Consigo. Na melhor tradição dos farmacêuticos de oficina, chegou outra vez a hora de enfrentarmos os problemas do presente, com um debate franco e aprofundado, e encontrarmos as melhores respostas colectivas.

Nunca vivemos de costas voltadas para Portugal. Por isso, vamos debater as soluções para a rede de farmácias, mas também a sustentabilidade do SNS e o futuro da Saúde Pública. O desafio lançado pela ARS do Centro às farmácias, de detecção precoce e combate ao risco evitável de diabetes, é o justo objecto da reportagem Farmácias Reais e será apresentado com mais detalhe no Congresso.

Nunca nos isolámos do mundo. Por isso, convidámos para o nosso congresso representantes dos melhores sistemas de saúde, bem como peritos de referência de outras áreas. Nesta edição, analisamos vários modelos internacionais de contratualização de serviços farmacêuticos e apresentamos o pensamento de Philip Evans sobre o impacto económico da Internet.

Nunca fomos desatentos ao que nos rodeia. Convidámos para oradores no nosso congresso personalidades com prestígio e obra feita noutras áreas, como Francisco Pinto Balsemão e António Rendas, que é o entrevistado principal desta edição.

Nunca deixámos de estudar, com profundidade, os fenómenos em que estamos inseridos. No Simpósio Científico “Farmácias: Rede de Inovação e Evidência no SNS” vamos conhecer investigações de referência e escrutinar sem reservas o nosso próprio trabalho neste domínio.

Nunca deixámos de ousar soluções inovadoras concretas. Na reportagem Negócios em Português conhecemos diversos casos de sucesso. Vamos receber, com entusiasmo, os protagonistas nas sessões paralelas do nosso congresso. Nós sentimos admiração e cumplicidade por quem tem espírito empreendedor, aposta em Portugal e olha para o mundo como uma oportunidade.

Finalmente, aproveitámos o facto de o congresso se realizar em Lisboa para desafiar a colega Maria da Luz Sequeira a protagonizar a rubrica Farmacêutica Convida. Não tínhamos melhor escolha. Guiados por ela, temos a certeza de que vamos aproveitar o tempo livre com as melhores experiências. Os padrões de serviço da Farmácia da Luz, de que é directora técnica, e o seu percurso irrepreensível na estrutura associativa e na Direcção da ANF deram-nos o privilégio de conhecer a sabedoria, o entusiasmo, o instinto solidário e o espírito sempre livre de Maria da Luz Sequeira.

Tenho a honra de lhe suceder como director da Revista Farmácia Portuguesa.

Obrigado, Senhora Directora!

Deixa-nos uma revista que, honestamente, não parece possível melhorar.

Propriedade _____



Director _____
Duarte Santos

Director Executivo _____
Carlos Enes

Editora Executiva _____
Carina Machado

Editor de Fotografia _____
Pedro Loureiro

Responsável de Marketing _____
Karine Ramos

Redacção _____
Nuno Esteves
Pedro Veiga
Rita Leça
Sónia Balasteiro

Publicidade _____
Filipe Rebelo
Nuno Gomes
José Silva
comercial@sauda.pt | 213 400 706

Direcção de Arte e Paginação _____
Ideias com Peso

Projecto Editorial _____
Departamento de Comunicação
da Associação Nacional das Farmácias

Projecto Gráfico _____
Ideias com Peso

Capa _____
Fotografia DTSP

Periodicidade: Bimestral
Tiragem: 8.000 exemplares

Impressão e acabamento _____
RPO – Produção gráfica, Lda.

Distribuição _____
Alloga – Cabra Figa, Rio de Mouro

Distribuição gratuita aos sócios da ANF
Depósito Legal n.º 3278/83
Isento de registo na ERC ao abrigo do artigo 9.º
da Lei de Imprensa n.º 2/99, de 13 de Janeiro

FARMÁCIA PORTUGUESA
é uma publicação da
Associação Nacional das Farmácias
Rua Marechal Saldanha, 1
1249-069 Lisboa

Esta revista é escrita de acordo com a antiga
ortografia.

Todos os direitos reservados.





DIREITOS RESERVADOS

28:



© LUÍS SILVA CAMPOS

30:

MAR/ABR 2016 : 214

FARMÁCIAS REAIS6 VAMOS TRAVAR
A DIABETES**MUNDO**18 EM BUSCA DO NOVO
CONTRATO SOCIAL**ENTREVISTA**

20 O ARADO DO SENHOR REITOR

*António Rendas***TECNOLOGIA**28 A CONSPIRAÇÃO
DOS CONSUMIDORES

30 NOVAS APP ANF

*Toda a Farmácia no seu bolso***NEGÓCIOS**36 SUCESSO: COMO ELES
LÁ CHEGARAM**FARMACÊUTICA CONVIDA**

40 LISBOA VOA, VOA!

*Maria da Luz Sequeira***12.º CONGRESSO DAS FARMÁCIAS**

56 PROGRAMA

ENTRE NÓS

62 URGÊNCIA

Paulo Cleto Duarte

VAMOS TRAVAR A DIABETES

A ARS do Centro chamou as farmácias a um projecto de avaliação do risco de diabetes tipo 2. Um quarto dos sete mil utentes testados revelaram risco elevado de vir a sofrer da doença. O resultado levou muitos ao médico e a mudar de vida. Reportagem em três das 225 farmácias participantes.

TEXTOS: SÓNIA BALASTEIRO E RITA LEÇA
FOTOGRAFIAS: CÉU GUARDA E JOÃO PEDRO MARNOTO

Saiba +

Sessão Paralela

**“NÃO À DIABETES –
UM DESAFIO
ÀS FARMÁCIAS”**SÁBADO:
11H30 E 14H30

Carla Soares, directora técnica e responsável
pela implementação do estudo na Farmácia Molelos



Capela Daniel, coordenador para a diabetes na região do Pinhal

Capela Daniel, médico de família há 30 anos na Tábua, sempre teve «uma relação privilegiada» com os profissionais das farmácias da zona. Mas acredita que o estudo-piloto sobre a diabetes, realizado em Novembro por 225 farmácias da zona Centro, é um passo fundamental para fomentar «sinergias de esforços e a aproximação entre médicos e farmacêuticos», em benefício do utente. Afinal, «Estamos todos no mesmo barco!», nota.

Realizada em parceria entre a Administração Regional de Saúde (ARS) do Centro, a Associação Nacional das Farmácias e a Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, a “Avaliação do Risco de Diabetes Tipo 2” permitiu perceber junto de 24% dos 7.007 inquiridos nas farmácias um risco alto ou muito alto de desenvolver diabetes na próxima década.

A dimensão da doença é tremenda e comporta um peso substancial para o Serviço Nacional de Saúde, atingindo 1% do PIB. A cada sete segundos, uma pessoa morre devido à diabetes. Daí que este rastreio seja fundamental para a sua «prevenção», sublinha Capela Daniel, coordenador para a diabetes na região do Pinhal.

«A prevenção desta epidemia necessita de todos os intervenientes», sustenta, por seu lado, Margarida Bastos, coordenadora do grupo do Programa Nacional para a Diabetes do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC) e uma das principais precursoras desta iniciativa.

Para chegar à população, foram ainda envolvidas outras entidades, como os ACES do Baixo Mondego e Pinhal Interior, a Câmara Municipal de Coimbra, a Escola Superior de

Educação, a Escola Superior de Enfermagem, a Escola Superior de Tecnologias da Saúde, entre outras.

No que diz respeito à acção, «as medidas são fundamentalmente educacionais, com vista à modificação de comportamentos». Promove-se, principalmente, «uma alimentação equilibrada, a prática de exercício adaptado a cada pessoa e a correcção de outros factores de risco, como, por exemplo, a hipertensão arterial e o excesso de peso», enumera Margarida Bastos.

Aos 46 anos, Rosa Silva, utente da Farmácia Molelos, perto de Tondela, foi uma das pessoas que beneficiou do rastreio, iniciado a 14 de Novembro, Dia Mundial da Diabetes, e que terminou duas semanas depois, a 28. «Mudei de vida», conta. Desde que descobriu que tem risco moderado de desenvolver diabetes, passou a praticar «natação, ioga e a fazer caminhadas todos os dias». «Era muito preguiçosa, nunca tinha feito qualquer exercício. Mas percebi que era altura de começar».

Rosa ilustra bem a realidade desta região do país. Através do estudo, concluiu-se que mais de metade dos utentes avaliados não pratica qualquer actividade física diária.

A média de idades dos rastreados é de 60 anos e a maioria do sexo feminino. Outro dado importante que o estudo revelou foi que 43% dos inquiridos tem, pelo menos, um familiar a quem já foi diagnosticado diabetes.

«Durante o rastreio, houve uma grande adesão da população, o que demonstra a apetência pela informação em saúde», destaca Margarida Bastos, mostrando preocupação com o aumento deste problema. «Constatámos que na região Centro temos um número muito elevado de pessoas em risco de desenvolver diabetes tipo 2».

Um risco que também está associado à alimentação típica da zona, como conta Alda Pacheco, directora técnica da Farmácia Santos, em Ponte de Vagos, Aveiro. «Aqui as pessoas ainda gostam de pratos bem temperados, com muito sal. Comem muito à noite, gostam de uma boa “pinguinha” [risos] e muitas ainda têm animais, ingerindo por isso mais gorduras».

Levar a mudanças na alimentação é precisamente uma das maiores dificuldades que encontram os profissionais de saúde para prevenir esta doença. «Temos de investir em saúde. Mas as pessoas resistem a mudar hábitos de vida», lamenta Capela Daniel.

E não apenas nesta região. A verdade é que, segundo dados do Observatório da Diabetes, de 2015, cerca de 1.3 milhões de pessoas sofrem com esta doença em Portugal. Destes, «5,7%, ou seja, 443 mil pessoas não sabem sequer que a têm», alerta Hélder Ferreira da ARS Centro,

médico de família e coordenador do Programa da Diabetes. «Esta é uma doença silenciosa e, por isso, as pessoas não ligam. Quando sentem os efeitos, já estão numa situação complicada. Fala-se muito em diabetes, mas não se sabe que mata, porque não se ouve dizer “Olha, morreu de diabetes”. Na verdade, morre-se das complicações ou de doenças agravadas pela diabetes».

Hélder Ferreira foi responsável pela organização de várias acções de formação por toda a região, com a participação de diversos médicos, enfermeiros e farmacêuticos. «Foram duas semanas muito importantes para discutir a diabetes e esclarecer dúvidas», refere o responsável. «Permitiram juntar os diferentes profissionais de saúde e acabaram com alguns preconceitos. Temos de chegar aos locais sem informação. Para melhorar a saúde das pessoas é importante o estreitamento das relações entre todos os profissionais».

Para este médico, é no esclarecimento das populações que as farmácias têm um papel preponderante, «especialmente nas localidades mais pequenas». Além disso, sublinha a importância das farmácias na gestão da medicação. «Há grandes confusões na administração de medicamentos, em especial na população mais idosa».

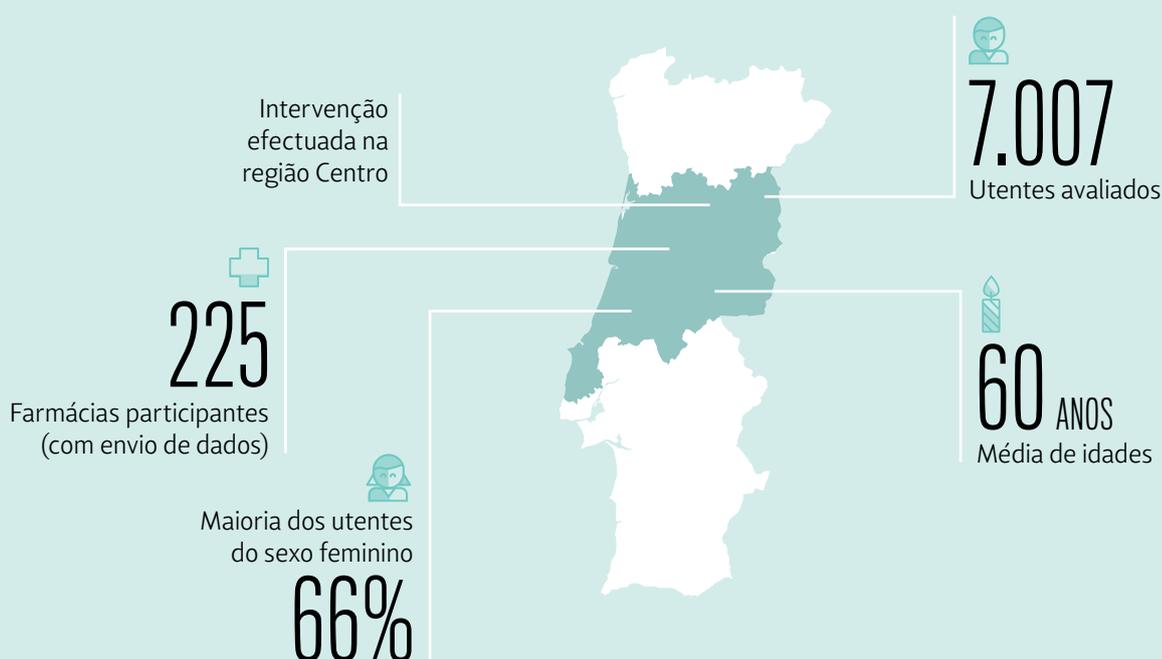


Hélder Ferreira foi responsável pela organização de várias acções de formação por toda a região

“NOVEMBRO MÊS DA DIABETES”

DE 14 A 28 DE NOVEMBRO DE 2015

IDENTIFICAÇÃO PRECOCE DE INDIVÍDUOS COM RISCO DE DIABETES TIPO 2, PREVENÇÃO DA DIABETES E PROMOÇÃO DA SAÚDE



DOS UTENTES AVALIADOS DEMONSTROU UM RISCO ELEVADO OU MUITO ELEVADO DE TER DIABETES NOS PRÓXIMOS DEZ ANOS



DOS UTENTES AVALIADOS AFIRMOU NÃO PRATICAR QUALQUER ACTIVIDADE FÍSICA DIÁRIA



DOS UTENTES AVALIADOS AFIRMOU SER SEGUIDO NO CENTRO DE SAÚDE



DOS UTENTES AVALIADOS TEM, PELO MENOS, UM FAMILIAR PRÓXIMO A QUEM JÁ FOI DIAGNOSTICADO DIABETES

PEDRA DA VISTA

FARMÁCIA MOLELOS

DAR VISIBILIDADE AOS CONTRIBUTOS DO SECTOR

É uma farmácia familiar, onde quem entra é conhecido pelo nome. Situada numa freguesia rural, perto de Tondela, a Farmácia Molelos é parte integrante do dia-a-dia da população. Mesmo de quem não consegue visitá-la, pois se “Maomé não vai à montanha”... É que um dos serviços mais acarinhados é a entrega ao domicílio. Três dias por semana, há uma farmacêutica que leva os medicamentos aos lugares mais recônditos das serras circundantes, prestando um serviço social essencial.

Teresa Alves, 52 anos, é uma das utentes que visitam a farmácia com frequência. Soube do projecto de prevenção da diabetes numa dessas visitas e não hesitou. Os resultados dos testes que fez não foram satisfatórios: tem um risco moderado de desenvolver diabetes, sendo que faz parte de uma família com uma prevalência da doença bastante superior à média. «Do lado da minha mãe, todos são diabéticos», conta, revelando que decidiu, por isso, mudar de vida. «Passei a fazer caminhadas, bicicleta, hidroginástica».

Além do exercício físico, evita doces e procura fazer uma alimentação equilibrada. E continua a procurar a Farmácia Molelos para avaliar a situação.



Teresa Alves participou no estudo na Farmácia Molelos e decidiu, perante os resultados, começar a fazer caminhadas

A FARMÁCIA SEMPRE APOSTOU EM SERVIÇOS COMO O ACONSELHAMENTO, A ENTREGA DE MEDICAMENTOS AO DOMICÍLIO E A AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS BIOQUÍMICOS DE SAÚDE

Situada em ambiente rural, na Pedra da Vista, a farmácia sempre apostou em serviços como o aconselhamento, a entrega de medicamentos ao domicílio e a avaliação de parâmetros bioquímicos de saúde. Daí que os seus utentes tenham aderido sem reservas a participar no estudo. Em apenas uma semana, a Molelos realizou 300 inquéritos. «Destes, apenas 17,3% apresentaram um risco baixo de desenvolver diabetes», comenta, alarmada, a directora técnica da farmácia, Carla Soares, notando que cerca de 22% teve mesmo de ser encaminhados para o médico de família para passar a ser acompanhado, de forma a prevenir o desenvolvimento de complicações associadas à diabetes, como a retinopatia diabética ou o pé diabético.

«Muitos utentes alteraram os seus estilos de vida por causa dos resultados que obtiveram», congratula-se Carla Soares, sempre de sorriso aberto. Fala com a confiança e a tranquilidade que só têm as pessoas que fazem exactamente aquilo que nasceram para fazer, cumprindo o seu desígnio.

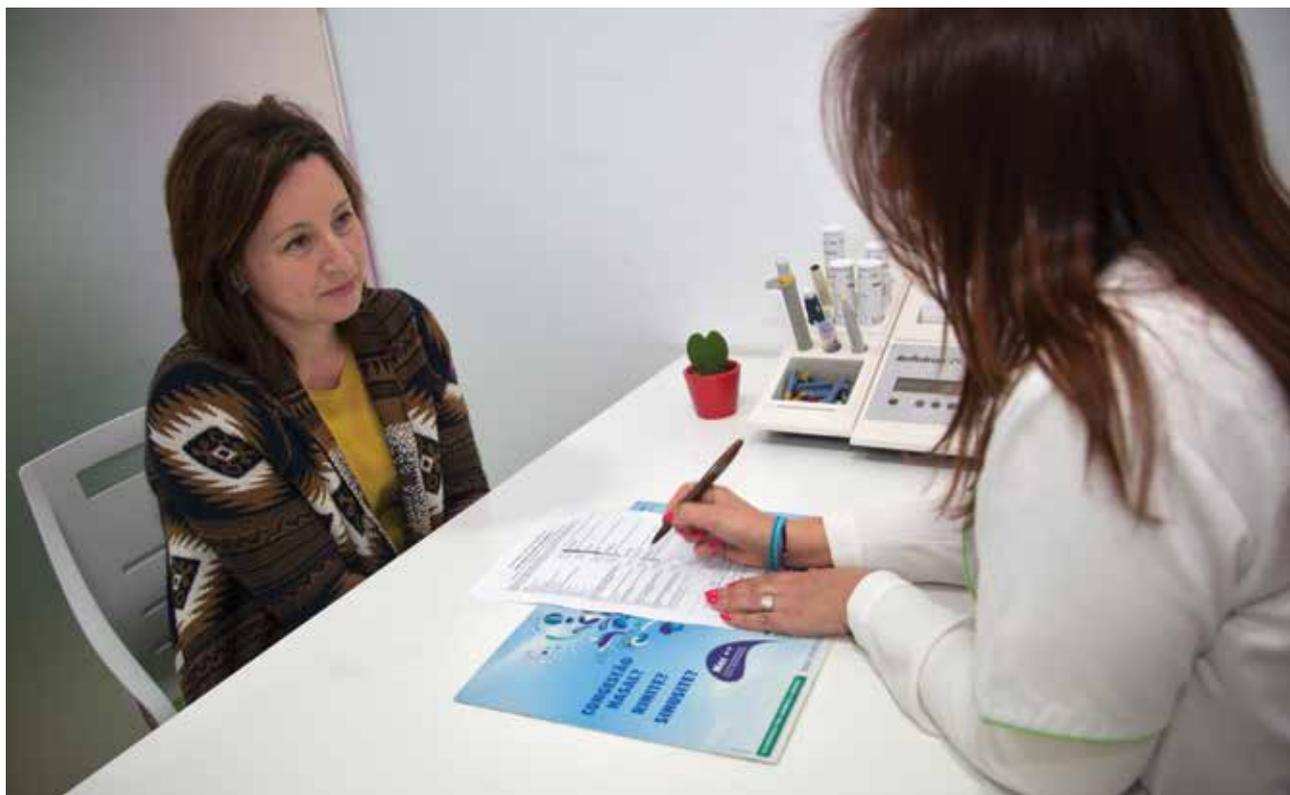
Outro resultado positivo que a farmacêutica antevê é o «início de uma articulação estreita entre farmacêuticos e os restantes profissionais de saúde». Esta relação, explica, «é uma mais-valia para todos, sobretudo para o utente». «Todos temos a ganhar com uma maior proximidade e com mais comunicação.

Acredito que a Farmácia, e o papel que desempenha, pela maior proximidade com as pessoas, deve ser mais aproveitada pelo Serviço Nacional de Saúde», defende a farmacêutica. Até porque, existindo já este trabalho nas farmácias do país, «muitas vezes não é quantificado. Com um estudo desta dimensão, que poderia ser realizado no futuro por todo o país, os resultados tornam o nosso contributo na promoção da saúde mais visível. Poderá, assim ser mais valorizado pelos decisores políticos», espera.

Quando foi abordada pela ANF sobre o seu interesse em participar no estudo sobre a diabetes, em parceria com a Administração Regional de Saúde do Centro, Carla Soares não hesitou. «Sempre gostei de desafios», explica. «E pareceu-me uma iniciativa interessante e importante para a prevenção da diabetes». A doença não pára de ganhar terreno, com cada vez mais casos detectados em Portugal. E muitas pessoas desconhecem que a têm.

Rosa Silva, por exemplo, ainda não desenvolveu diabetes. Mas, aos 46 anos já sabe que tem um risco moderado de vir a ter a doença na próxima década. Por isso, passou a fazer exercício diário assim que soube dos seus resultados. Além da natação, do ioga e das caminhadas, também faz corridas quando é desafiada pelas colegas.

As mudanças que começou a fazer no seu estilo de vida diminuíram bastante o risco de vir a ter diabetes. Objectivo cumprido.



Rosa Silva, que nunca tinha praticado nenhum desporto, percebeu que estava na altura de dizer adeus ao sedentarismo



Para Paula Dinis, directora técnica, «é fundamental que exista uma colaboração estreita entre todos os profissionais de saúde»

CÔJA

FARMÁCIA ALVA

**O PODER
DE ESCOLHER**

Há momentos em que sabemos que chegou a hora de mudar de vida. Para Zulmira Marques, com ar saudável aos 57 anos, esse momento aconteceu em Novembro, numa visita à sua farmácia de sempre, a Alva, em Côja, perto de Coimbra.

Nesse dia respondeu a um inquérito cujos resultados indicaram um risco «um bocadinho alto» de desenvolver diabetes. Era preciso escolher um caminho, pelo que escolheu um diferente enquanto ainda estava nas suas mãos. Mudou os seus hábitos diários e agora «caminho muito. Adoro caminhar», conta, de sorriso aberto.

O exercício físico não foi a única mudança que introduziu na sua vida. «Não como fritos, evito os doces. E como mais hortaliças», enumera Zulmira, que confessa que já estava desconfiada da possibilidade de vir a desenvolver diabetes, devido ao facto de a sua mãe ter tido a doença. «Tenho predisposição genética, por isso é necessário ir acompanhando».

Zulmira é uma das mais de 400 pessoas que aceitaram participar no inquérito sobre diabetes realizado na Farmácia Alva durante duas semanas do mês de Novembro do ano passado. Com uma forte intervenção na comunidade em que se insere, esta foi a farmácia da zona Centro com maior adesão ao estudo.

«Este trabalho foi integrado no dia-a-dia da farmácia», explica a responsável, Paula Dinis, que impulsionou o projecto e as iniciativas para o divulgar localmente. «Formámos e motivámos a equipa e, para conseguir chegar à população, além da montra alusiva à iniciativa, demos formação nas escolas do concelho sobre a prevenção da doença e entregámos balões, que simbolizam “todos unidos pela diabetes”, para tornar o tema mais visível», refere a farmacêutica.

Além disso, a propósito do Dia Mundial da Diabetes, os profissionais explicaram às crianças quais os cuidados para evitar a doença e ter uma vida mais saudável. «Quando chegam a casa, elas falam com os pais e podem ter uma influência muito positiva», espera Paula Dinis.

Com uma população-alvo idosa, com mais propensão para desenvolver a doença (a idade é um factor de risco), chamar a atenção para a patologia e permitir que «se inicie o tratamento numa fase mais precoce» poupa vidas e

«diminui os custos do Serviço Nacional de Saúde causados pela diabetes», considera a responsável. Paula Dinis acredita, por isso, que este tipo de projectos ajuda a reconhecer a intervenção da Farmácia na prestação de cuidados de saúde primários.

«Somos uma porta aberta para a comunidade. As pessoas, antes de qualquer outra coisa, vêm aqui quando têm um problema de saúde», explica a farmacêutica.

A proximidade não se restringe aos utentes. Na Côja sempre existiu uma boa relação entre os profissionais da farmácia e os outros profissionais de saúde. Por isso, mais uma vez, sempre que os resultados do estudo apontaram para a existência de um risco alto ou muito alto de ter diabetes (em mais de 20% das situações), os utentes foram encaminhados para o seu médico de família.

É «fundamental que exista uma colaboração estreita entre todos os profissionais que têm a saúde dos utentes» nas suas mãos, conclui Paula Dinis.



Zulmira Marques foi uma das mais de 400 pessoas que aceitaram participar no inquérito sobre diabetes na Farmácia Alva

PONTE DE VAGOS

FARMÁCIA SANTOS

«MAIORIA NÃO TINHA NOÇÃO DA GRAVIDADE DA DIABETES»



Adélia Leitão, farmacêutica adjunta, diz que o sucesso da iniciativa na farmácia se deve “ao trabalho intenso” que é feito para estreitar laços com os utentes

Está situada na rua principal de Ponte de Vagos, Aveiro, mas encontra-se também no caminho mais directo para o coração das pessoas. Vão lá regularmente, muitas vezes só para conversar. «Estamos numa localidade pequena. Confiam muito em nós e pedem-nos conselhos. Às vezes, vêm apenas para falar um pouco, em especial as pessoas mais idosas», conta Alda Pacheco, directora técnica da Farmácia Santos. «De vez em quando, trazem-nos presentes, alimentos das suas quintas, por exemplo, e até peluches».

Talvez seja por isso que quando faz acções de esclarecimento, rastreios ou outras actividades dedicadas à saúde, a população de Ponte de Vagos facilmente participa, o que fez com que a Farmácia Santos fosse uma das que mais indivíduos rastreou no âmbito da iniciativa contra a diabetes, em Novembro último.

«A maioria não tinha noção da gravidade da doença», diz, por sua vez, a farmacêutica adjunta, Adélia Leitão, sublinhando assim a importância deste rastreio. «Muitos ficaram surpreendidos ao saber, por exemplo, que tendo a tensão arterial elevada, têm mais propensão para a doença».

Dar a conhecer a diabetes, as suas causas e consequências, assim como estimular hábitos alimentares saudáveis e a prática de desporto adaptável a cada pessoa foram as principais medidas que a equipa na farmácia implementou ao longo das duas semanas que durou a iniciativa. Mas não acabou aí. «Diariamente, fazemos as medições mais importantes a vários utentes e esclarecemos dúvidas».

Por isso, no período que durou o rastreio da diabetes, «toda a gente queria fazer. Até vieram pessoas que já estão medicadas reclamar: “Também queremos fazer o teste”», lembra Alda Pacheco, rindo.

Este é o resultado de um «trabalho intenso, com muito esforço e dedicação, para estreitar as relações com os nossos utentes», justifica Adélia Leitão.

Prova disso mesmo são os casos de Susana Cunha e Luís Marques, que, apesar de não pertencerem ao universo dos 7.007 utentes que participaram na iniciativa contra a diabetes na região Centro do país, também quiseram ser rastreados. Ambos têm antecedentes familiares e estilos de vida que justificam o resultado que obtiveram: risco moderado de desenvolver a doença nos próximos dez anos.

«Sou completamente viciada em açúcar», admite Susana Cunha, psicóloga de 42 anos. «Todos os dias comia bolos e chocolates. Cheguei a levantar-me durante a noite para comer uma colher de açúcar». Agora, tem de cumprir à risca os conselhos que recebeu na farmácia. «Só tenho um dia em que posso abusar dos doces. É o meu dia do

pecado», conta, rindo. Ao mesmo tempo, começou a pedalar na bicicleta fixa que tem em casa. «Comecei por fazer três quilómetros e ontem atingi os dez», revela, orgulhosa.

O motivo que orienta Susana Cunha surgiu de repente: «Na farmácia vão sempre contando coisas que acontecem e, um dia, deu-me o clique: se calhar pode acontecer-me».

Um “clique” semelhante ao que Luís Marques, comerciante de 44 anos, sentiu no dia em que se colocou em cima de uma balança e viu aparecer três dígitos. Recorreu à nutricionista que dá consultas na farmácia e, desde então, «tem sido sempre a emagrecer. Antes bebia paletes de Coca-Cola e, hoje, nem uma. Como mais legumes e fruta».

Certo é que, «muitas vezes, as pessoas preferem ir à farmácia do que ao médico», sublinha Adélia Leitão e, por isso, defende: «É preciso manter uma relação muito próxima entre todos, para benefício do utente».



Alda Pacheco, directora técnica,
e Adélia Leitão, farmacêutica adjunta



Susana Cunha:
«Sou viciada em açúcar»



Luís Marques:
«Antes bebia paletes de
Coca-Cola, hoje, nem uma»



Uma relação única desde o primeiro dia

Nutribén® Papas



Especialistas em
alimentação infantil

Nutribén[®]

EM BUSCA DO NOVO CONTRATO SOCIAL

TEXTO: PEDRO VEIGA

As farmácias podem ser um instrumento central na maximização de ganhos em saúde para a população. Para isso, é essencial o desenvolvimento de um novo contrato social que garanta benefícios para todos: poupança para o Estado, maior sustentabilidade para o sector das farmácias e mais e melhores cuidados de saúde para o utente.

INGLATERRA E PAÍS DE GALES

As farmácias são remuneradas com base nos custos operacionais e no investimento que efectuam. Para tal, foi desenvolvido um quadro normativo que define as condições para a contratualização a dois níveis: nacional e local. A sustentabilidade da parceria entre farmácias e o NHS é garantida através da revisão das bases legais de financiamento a cada cinco anos.

Farmácias são compensadas:

MEDICAMENTO	PRESTAÇÃO DE SERVIÇO	PARTILHA DE GANHOS
<ul style="list-style-type: none"> • Com um valor fixo por cada embalagem dispensada • Com um valor mensal, de acordo com escalões de facturação/ receitas/ embalagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Por fazer monitorização terapêutica • Por fazer revisão terapêutica • Por dar apoio a subpopulações especiais 	<ul style="list-style-type: none"> • Pelo incentivo à dispensa de genéricos • Pela promoção do uso racional dos medicamentos • Por disponibilizar um programa de troca de seringas • Por disponibilizar um programa de substituição de opiáceos

SUIÇA

A remuneração é definida a partir de uma convenção estabelecida entre as farmácias e o sistema de saúde, e que define a prestação de serviços na dispensa de medicamentos, seguimento farmacoterapêutico dos doentes, incentivos aos genéricos e programas de Saúde Pública. O modelo contratual está em vigor desde 2009, com actualizações tarifárias anuais. O impacto deste modelo foi avaliado antes e depois da sua implementação.

Saiba +

Sessão Plenária
**“INOVAR NA
 CONTRATUALIZAÇÃO”**

SÁBADO:
 16H30

Farmácias são compensadas:

MEDICAMENTO	PRESTAÇÃO DE SERVIÇO	PARTILHA DE GANHOS
<ul style="list-style-type: none"> • Com um valor fixo por cada embalagem dispensada 	<ul style="list-style-type: none"> • Por fazer monitorização terapêutica • Por fazer revisão terapêutica 	<ul style="list-style-type: none"> • Pelo incentivo à dispensa de genéricos • Por disponibilizar um programa de substituição de opiáceos

AUSTRÁLIA

As farmácias são remuneradas com base num conjunto de estudos e análises económicas. A remuneração está prevista no acordo entre as farmácias e o sistema de saúde, que determina a prestação e contratualização de serviços na área da dispensa, seguimento farmacoterapêutico dos doentes, incentivos à substituição genérica e programas de Saúde Pública. O acordo é alvo de revisão de cinco em cinco anos.

Farmácias são compensadas:

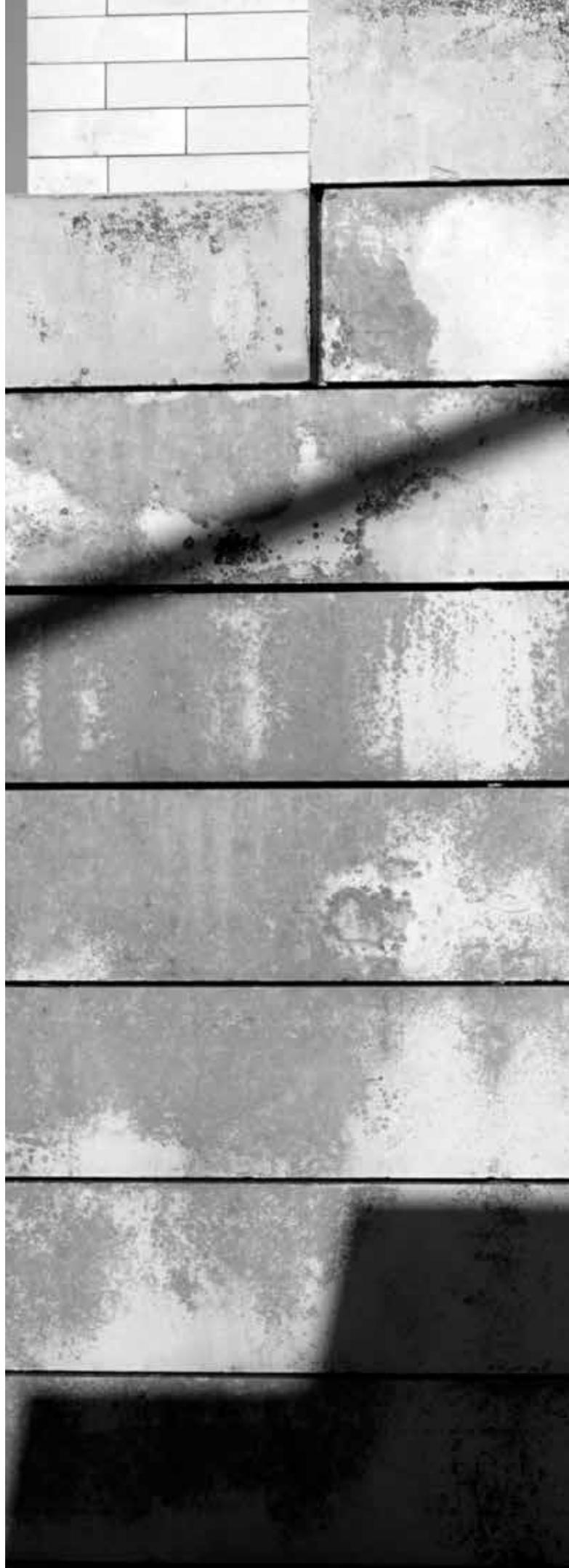
MEDICAMENTO	PRESTAÇÃO DE SERVIÇO	PARTILHA DE GANHOS
<ul style="list-style-type: none"> • Com um valor fixo por cada embalagem dispensada 	<ul style="list-style-type: none"> • Por fazer monitorização terapêutica • Por fazer revisão terapêutica • Por dar apoio a subpopulações especiais • Pelo acesso e monitorização da inovação terapêutica 	<ul style="list-style-type: none"> • Pelo incentivo à dispensa de genéricos • Por disponibilizar um programa de substituição de opiáceos

O ARADO DO SENHOR REITOR

ANTÓNIO
RENDAS

É médico de formação, investigador por vocação e reitor por decisão. António Rendas lidera os destinos da Universidade Nova de Lisboa desde 2007. Explica o mandato com uma metáfora agrícola. Ele arrou o terreno para que o conhecimento possa continuar a ser semeado no futuro.

ENTREVISTA: PEDRO VEIGA
FOTOGRAFIAS: PEDRO LOUREIRO



Saiba +

António Rendas participa
na Sessão Plenária

**“INOVAR
NOS SISTEMAS
DE SAÚDE”**

SEXTA-FEIRA:
9H30



REVISTA FARMÁCIA PORTUGUESA: Ganhou mais visibilidade como Reitor da Universidade Nova de Lisboa e presidente do Conselho de Reitores das Universidades Médicas, mas nem toda a gente sabe que estudou Medicina. Ser médico foi sempre a sua vontade?

ANTÓNIO RENDAS: É quase um lugar-comum: sou filho de um médico e isso teve sobre mim enorme influência. Mas devo ser dos poucos filhos de médico que não escolheram a mesma especialidade do pai – era urologista.

RFP: Interessavam-lhe outras áreas?

AR: Sim, a minha área de estudo era as doenças respiratórias. Contudo, a minha vocação foi sempre mista, entre a Medicina e a Investigação. Entrei na faculdade em 1966, numa altura em que se começava a dar grandes passos na investigação biomédica. Fascinavam-me os modelos de Watson e Crick do ADN, o código genético, as aplicações da Biologia à Medicina... Por isso, embora querendo ser médico, e tendo percorrido esse caminho, tive sempre a preocupação da Medicina ligada à investigação biomédica.

Quando acabei o curso, em 1972, metade dos colegas escolheu fazer o na altura chamado “estágio da prática clínica”, em Santa Maria, outra metade, na qual me incluí por considerar que tinha necessidade de treino clínico, foi para os hospitais civis. Entretanto, candidatei-me a uma bolsa da Fundação Gulbenkian, ganhei, e fui para Londres fazer investigação em circulação pulmonar. Mas repare: não fui para um instituto de investigação, fui para o Royal Brompton, que era o hospital das doenças do tórax. Estive lá seis anos.

RFP: Encontra uma realidade completamente diferente no Reino Unido.

AR: Sem dúvida. Dou-lhe um exemplo disso, muito evidente: na equipa, em Londres, era eu a pessoa que falava com os doentes no sentido de obter o seu consentimento informado. Acontece que esta figura, em Portugal, não existia! Cá, nós praticávamos os mais variados actos médicos nos doentes sem necessidade do seu consentimento.

A Medicina portuguesa era já muito boa, mas do ponto de vista das técnicas, da relação médico-doente e da ética, estava, de facto, muito atrasada.

◀ **S** OU ALGUÉM QUE
ARRUMA AS COISAS. OU SEJA,
A MINHA PREOCUPAÇÃO NÃO
É NO SENTIDO DA
CRISTALIZAÇÃO, MAS DE CHEGAR
AOS SÍTIOS, ENCONTRAR
A ORDEM DAS COISAS,
REFORÇAR A ORGANIZAÇÃO DAS
INSTITUIÇÕES E PROJECTÁ-LAS
PARA O FUTURO ▶▶

RFP: Do seu currículo faz ainda parte uma passagem pelos Estados Unidos da América.

AR: Sim. Doutorei-me bastante cedo e tive a enorme sorte de estar no Departamento de Patologia Experimental do Brompton quando a minha supervisora foi convidada a ir para Harvard, dado que metade da equipa seguiu com ela. Eu não tinha feito planos para ir para os Estados Unidos, mas fui. Foi um privilégio.

RFP: Regressa a Portugal no ano seguinte, à Faculdade de Ciências Médicas, mas interrompe a carreira docente para dirigir o Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT).

AR: Sim, e logo eu que tinha dito, à partida, que não iria mudar de área! Mas havia ali um desafio muito importante, que passava pela integração do IHMT na Universidade, pelo que durante três anos praticamente só fiz isso.

Veja: o Instituto vinha de um passado recente de pertença ao Ministério do Ultramar, as pessoas estavam muito desanimadas, sem um rumo definido... Costumo dizer que ajudei a que aquilo que não acabasse.



Hoje, felizmente, está integrado na Nova e é uma grande instituição de investigação ligada aos países tropicais. Entretanto, voltei à faculdade e julgo que a partir daí as coisas foram acontecendo naturalmente, até chegar a director.

RFP: Que tipo de director foi?

AR: Eu sou alguém que arruma as coisas. Ou seja, a minha preocupação não é no sentido da cristalização, mas de chegar aos sítios, encontrar a ordem das coisas, reforçar a organização das instituições e projectá-las para o futuro. É muito isso.

RFP: E a investigação, onde é que se encaixou?

AR: Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo, não é? A disponibilidade que tinha para dedicar à minha própria investigação foi ficando, infelizmente, cada vez mais curta. Mas ainda mantive a parte do ensino e fui doutorando sempre outras pessoas.

Uma coisa que aprendi desde sempre com os meus pais foi que temos de estabelecer prioridades. A pessoa tem é que ser muito boa naquilo que faz, e quando não o é, deve ter a seriedade para dizer a si mesma: não posso ser bom em tudo.

Eu acho que a formação científica é uma cultura. Eu adquiri essa cultura quando me doutorei, quando fiz investigação e quando, com 30 anos, submetia projectos, por exemplo aos *National Institutes of Health* (NIH). Podia ter seguido esse caminho, mas escolhi outro e fi-lo conscientemente, não tenho *regrets*. Mas a cultura ficou e uso-a muito na parte da gestão, disciplina em que não tenho, feliz ou infelizmente, nenhuma formação.

RFP: Essa escolha trá-lo à Universidade Nova de Lisboa. Que avaliação faz destes nove anos como reitor?

AR: Julgo que a Nova está a seguir o seu caminho. Quando olho para os resultados dos últimos dois anos, só posso ficar satisfeito: a Nova ficou em primeiro lugar no concurso nacional de acesso [ao Ensino Superior], é a universidade portuguesa que está mais bem colocada no ranking de Leiden, somos a única que está no QS com menos de 50 anos [ranking que avalia universidades com menos de meio século de existência].

RFP: Lá fora não falta reconhecimento.

AR: Sim, sim, a Nova é bastante internacional. Gostava que fosse ainda mais, que tivesse mais alunos do primeiro ciclo, mas isso vai demorar algum tempo. Agora, do ponto de vista do reconhecimento, nós somos das universidades mais internacionais. Mas muitas são, muitas são! Aquelas que são competitivas conseguem fazer isso!

RFP: O percurso é desafiante?

AR: O percurso devia ter outro enquadramento. Não gosto nada de dizer que dependemos de um Governo, acho que as pessoas devem ser autónomas. Em França há uma coisa que se chama o Campus France, em Inglaterra há o British Council... Nós, em Portugal, não temos nenhuma organização do género. Estamos a confrontar-nos com parceiros que andam nisto há muito mais tempo e que têm recursos incomparavelmente superiores aos nossos. Agora, o que é muito gratificante é essas universidades nos aceitarem como parceiros. Não como dependentes, mas como pares.



RFP: Seria mais fácil crescer se se tivesse avançado com a criação de um consórcio das universidades de Lisboa?

AR: Eu olho para o caso do Norte e vejo ali uma coisa inteligentíssima, que foi a criação da UNorte para a mobilização de recursos, juntando as Universidades do Porto, do Minho e de Trás-os-Montes e Alto Douro. Mas as grandes capitais têm sempre esse drama. Madrid, por exemplo, tem o mesmo problema. E a situação em Lisboa é complexa por uma outra razão, que ultrapassa as universidades: é que nós não temos acesso a fundos estruturais. Estamos fora da zona de convergência. Ora, alguém vai ter que chamar a atenção de quem distribui os fundos que em Lisboa se concentra uma grande parte dos serviços. Isto é como os carros: podemos saber conduzir, mas se não houver gasolina no automóvel vai ser muito difícil chegar aos sítios.

RFP: Sente que o actual momento político, com um novo Governo, pode potenciar essas sinergias?

AR: Sou muito ambicioso em relação ao novo ministro. Sou amigo dele, acho que é uma pessoa muito competente, tenho imensas expectativas em relação àquilo que ele possa vir a fazer e julgo que ele está no bom caminho. Acho que, em relação à Ciência e ao Ensino Superior, a situação é muito favorável.

«**U** MA COISA QUE APRENDI DESDE SEMPRE COM OS MEUS PAIS FOI QUE TEMOS DE ESTABELECEER PRIORIDADES. A PESSOA TEM É QUE SER MUITO BOA NAQUILO QUE FAZ, E QUANDO NÃO O É, DEVE TER A SERIEDADE PARA DIZER A SI MESMA: NÃO POSSO SER BOM EM TUDO» ➤➤

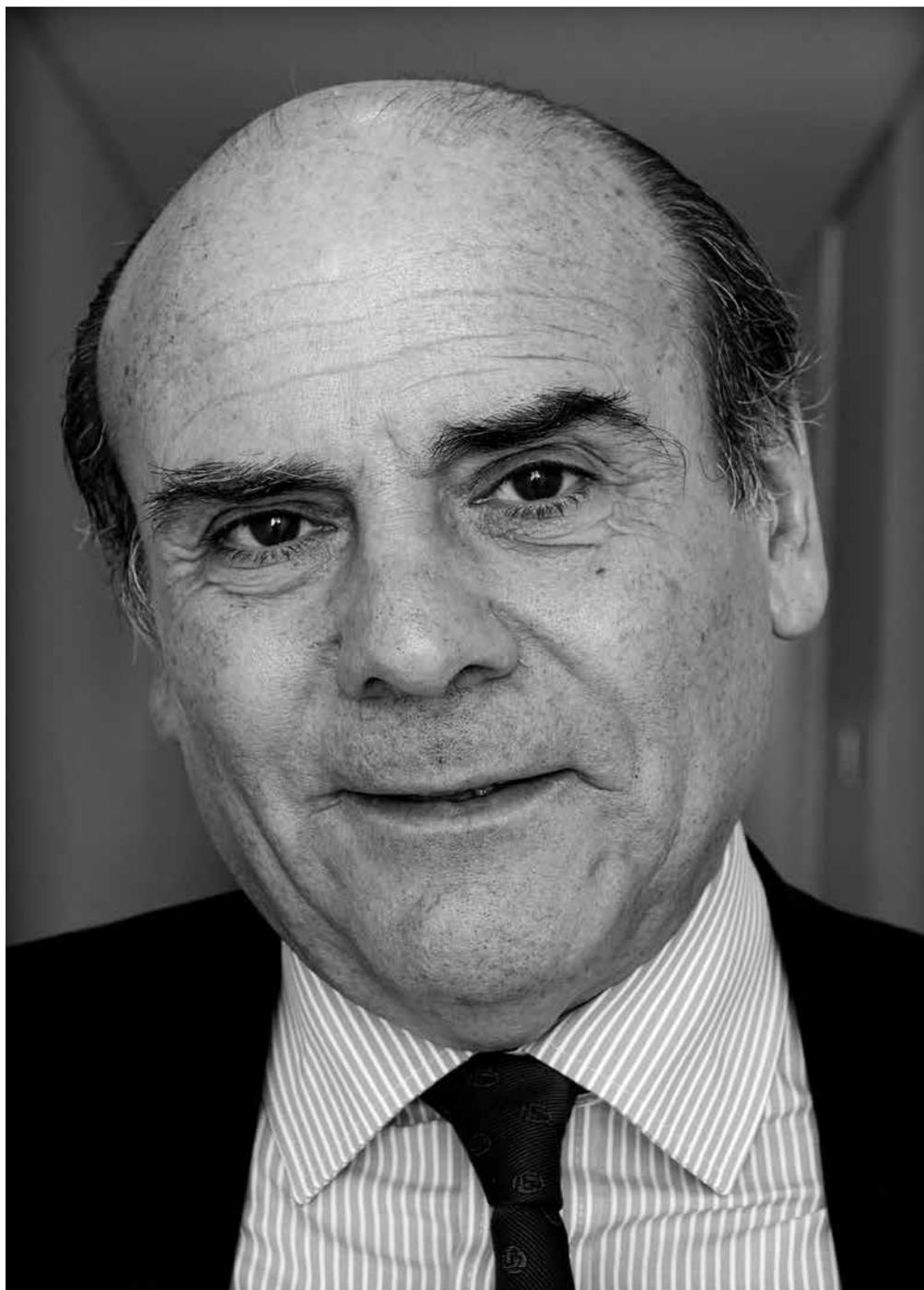
RFP: Não ficaram feridas susceptibilidades no processo de fusão da Universidade de Lisboa com a Universidade Técnica?

AR: A Nova tem o seu caminho. Nós estamos no processo de passagem a fundação. Espero, no final deste ano, apresentar ao Governo esse documento. Vamos ser, juntamente com o ISCTE, a única universidade na zona de Lisboa que é fundacional e espero aproveitar isso para que a Nova possa até ser uma boa aliada, se a questão se puser. Agora, se é importante que haja colaboração em Lisboa? Não tenho qualquer dúvida. Disso eu não tenho qualquer dúvida e espero que, mais tarde ou mais cedo, isso possa vir a acontecer.

RFP: O seu mandato termina em 2017. Sente que deixa um legado?

AR: Acho que não há legados. Há uma construção. Relaciono sempre a imagem do arado a quem está nestes lugares públicos, porque o arado rasga a terra onde outros, que vêm depois, podem plantar batatas, couves, ervilhas... o que entenderem. O que é muito importante é que haja um rumo. Nesse sentido, penso que ajudei a Universidade Nova a recentrar o seu rumo como instituição internacional, competitiva, diversificada. Conto-lhe só um pequeno episódio para ilustrar. Uma das coisas em que me empenhei muito foi na construção de um grande laboratório de investigação biomédica, no Campo de Santana. Levou muitos anos a conseguir, foi uma história complexa. Mas quando os jovens investigadores que lá estavam me vieram perguntar se eu ia escrever História, eu disse-lhes: não, quem vai escrever História são vocês, fazendo boa investigação, nos próximos 20 anos. Eu acho que é isso: o legado vai ver-se com o tempo.

«**R**ELACIONO SEMPRE A IMAGEM DO ARADO A QUEM ESTÁ NESTES LUGARES PÚBLICOS, PORQUE O ARADO RASGA A TERRA ONDE OUTROS, QUE VÊM DEPOIS, PODEM PLANTAR. O QUE É MUITO IMPORTANTE É QUE HAJA UM RUMO» ➤



«TEMOS UMA MEDICINA BASEADA NA EMINÊNCIA»

António Rendas tem, sobre a Saúde, a visão «pragmática» de um homem habituado a estar na raiz das coisas: o ensino.

À RFP fala sobre a qualidade da formação médica, os desafios da multidisciplinaridade e o papel das farmácias.

RFP: A formação de médicos em Portugal é tudo aquilo que pode e deve ser?

AR: Eu tenho uma atitude muito pragmática em relação à formação médica: sou um adepto dos conteúdos. A formação médica basal tem de ter muita qualidade, tem que ser dada num ambiente científico, tem que ser muito tutorial, focada no contacto com a pessoa. Deve ser uma formação em que a responsabilidade é partilhada com o aluno desde o primeiro ano. Esse é o meu conceito da formação básica, a chamada graduação. A formação clínica deve ser muito orientada para as especialidades e deve ter muito a ver com a prática.

RFP: Sublinhou a importância da prática como método de aprendizagem. Sendo a realidade multidisciplinar, que lugar vê para essa multidisciplinaridade na formação?

AR: A partir do momento em que somos responsáveis pelos cuidados de alguém, qualquer que seja o nosso estatuto profissional – médico, enfermeiro, farmacêutico, técnico, todos devemos estar orientados para trabalhar em conjunto. E isso é como a Ciência: ou se aprende cedo a fazer bem ou depois é mais difícil. A comunicação entre profissionais é uma coisa que obedece a regras de rigor e isso deve ser ensinado nas escolas médicas, e não tenho a certeza que seja. Posso estar a cometer uma injustiça terrível, mas começando na prescrição, passando pela relação entre os profissionais, acho que há aí um caminho que deve ser feito e não me parece que seja com conferências ou tutoriais. Faz-se na prática.

Agora, ter professores de Farmacologia e Terapêutica que nunca viram um doente nem prescreveram um remédio é para mim impensável. E acho que isto é muito simples de perceber por qualquer cidadão: eu não gostaria de ser tratado por alguém que me passa uma receita mas nunca viu um doente. É tão simples como isso! O ensino médico deve ter uma forte componente médica, ou seja, os médicos devem ensinar os jovens a ser médicos. Repare: se tiver um aquário com uns peixinhos grandes, com algas, com conchas, e puser lá uns peixinhos pequeninos, quem vai ensinar os peixinhos pequeninos a nadar são os peixinhos grandes, não vão ser nem as algas nem as conchas nem a areia. E isso é muito importante numa escola médica.

RFP: Mesmo assim, é frequente ouvi-lo elogiar a qualidade dos médicos portugueses.

AR: Quem torna a Medicina portuguesa internacional são os nossos médicos que vão ao estrangeiro e, do ponto de vista institucional, acho que era importante que as organizações médicas e de saúde portuguesas tivessem mais impacto lá fora. Por exemplo, na Organização Mundial da Saúde: acho que a nossa voz é menos ouvida pelas instituições e mais ouvida pelas personalidades, e eu sou adepto do balanço entre uma coisa e outra. Aliás, eu digo sempre, um pouco a brincar, que nós ainda não temos uma Medicina baseada na evidência, temos uma Medicina baseada na eminência – ou nas eminências! Mas isto para dizer que as instituições em Portugal podiam ter um peso maior na formação das pessoas.

RFP: A relação entre os vários profissionais da área da saúde – farmacêuticos, médicos, enfermeiros... – é, actualmente, uma relação saudável?

AR: Não conheço o suficiente das relações institucionais. Nos últimos anos tenho tido menos contacto com a Ordem [dos Médicos]. Mas o que vou lendo nos jornais faz-me pensar que há um caminho a percorrer para que as pessoas se possam articular mais no sentido da defesa do doente e não tanto na defesa dos seus interesses. Contudo, julgo que a situação melhorou, porque me lembro que havia relações muito complexas, de subalternidade. Acho que isso mudou e melhorou.

RFP: Como é que vê a possibilidade de as farmácias poderem vir a aumentar o leque de serviços que disponibilizam aos utentes?

AR: Mas que serviços?

RFP: Relacionados com a adesão à terapêutica, à prevenção de doenças...

AR: Sou um grande adepto do Serviço Nacional de Saúde. O que eu penso é que a Direcção-Geral da Saúde tem um papel muito importante nessa área e acho que tem que haver uma articulação da prestação de serviços de medicina preventiva, e até de medicina curativa, de acordo com o acesso. Porque uma das coisas complexas em Portugal continua a ser, tal como acontece com outras áreas, as pessoas que estão em localizações remotas. Essas poderiam levar a que houvesse partilha de responsabilidades. No entanto, isso teria que ser muito bem acautelado, até na defesa das instituições que tomam essas iniciativas.



« **A** PARTIR DO MOMENTO EM QUE SOMOS RESPONSÁVEIS PELOS CUIDADOS DE ALGUÉM, QUALQUER QUE SEJA O NOSSO ESTATUTO PROFISSIONAL – MÉDICO, ENFERMEIRO, FARMACÊUTICO, TÉCNICO, TODOS DEVEMOS ESTAR ORIENTADOS PARA TRABALHAR EM CONJUNTO »



DIREITOS RESERVADOS

A CONSPIRAÇÃO DOS CONSUMIDORES

As redes sociais degradaram o poder das empresas para controlarem a imagem dos seus produtos. Quem o diz é Philip Evans, que traz a Lisboa o anúncio da morte do consumidor passivo de outros tempos.

Saiba +

Philip Evans participa na Sessão Plenária "INOVAR NA RELAÇÃO COM O CONSUMIDOR" SEXTA-FEIRA: 16H30

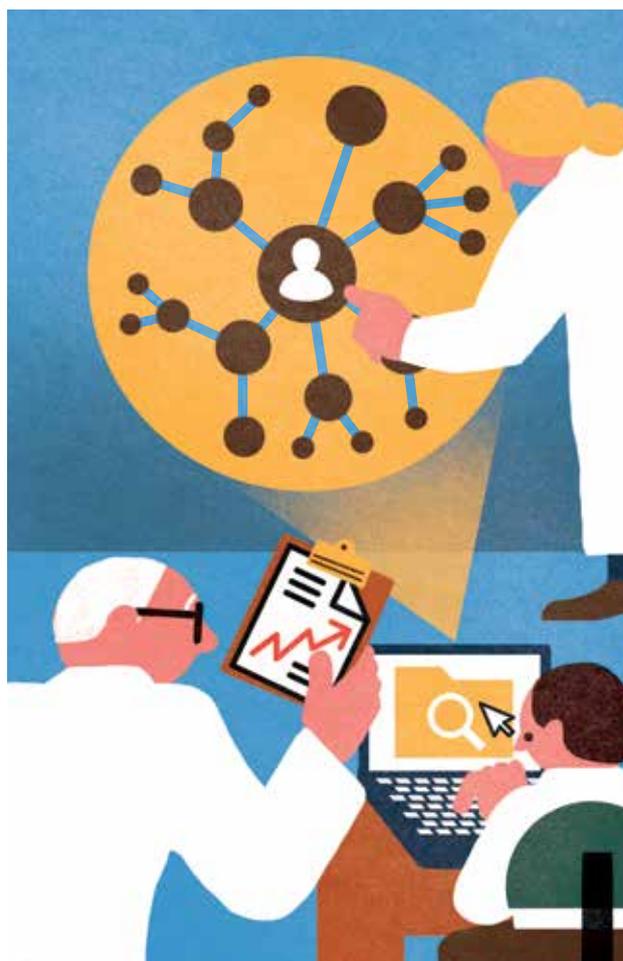
TEXTO: SÓNIA BALASTEIRO
ILUSTRAÇÃO: MANTRASTE

Quem cria a imagem de um produto são os consumidores. Para serem competitivas, as empresas têm de incorporar os valores dos clientes. Hoje em dia, são eles quem partilha a informação, transmitindo-a nas redes sociais. Cabe às empresas influenciar a escolha da informação por parte dos consumidores e tom em que a partilham.

Philip Evans, consultor guru do Boston Consulting Group, estará em Lisboa, no 12.º Congresso das Farmácias, para falar sobre a forma como o desenvolvimento tecnológico nesta «terceira década da economia da Internet» está a impactar a relação das empresas com os seus clientes e consumidores finais, impondo um redesenho estratégico radical.

«A estratégia empresarial sempre se baseou em ideias pré-concebidas sobre tecnologia, mas essas concepções estão a mudar dramaticamente», defende. Após uma década em que a Internet explodiu e mudou completamente a forma como a informação é armazenada, se multiplica e é partilhada, entrámos numa outra fase, «em que a Internet deixou de ser um nome para ser um verbo».

Estranho? Philip Evans dá um exemplo concreto: a Wikipédia. «A Wikipédia veio desestabilizar o mundo da distribuição de enciclopédias. Mudou radicalmente a forma como a informação é disponibilizada aos utilizadores e mais: são os próprios utilizadores que a produzem». Entenda-se, pois, por verbo: acção.



No verbo Internet, «os conceitos gerados pelos utilizadores e as redes sociais tornaram-se um fenómeno» e colapsaram as duas teorias fundadoras da estratégia empresarial dos autênticos gurus do Marketing Bruce Henderson e Michael Porter.

Henderson «tinha uma ideia napoleónica, de uma massa concentrada que esmagaria os concorrentes», implicando o conceito de “retornos crescentes”, segundo o qual quanto maior a experiência adquirida num processo, maior o ganho. Porter veio, mais tarde, trazer a ideia da cadeia de valor – o conjunto das actividades desempenhadas por uma organização, desde as relações com os fornecedores e ciclos de produção e de venda até à fase da distribuição final, apontando que «há vários componentes da estratégia» das organizações em cada uma delas. «Uma empresa pode ter vantagens numa área e desvantagens noutras, advogou Porter, que percebeu que o que mantém um negócio são os custos transaccionais e são eles também que definem os limites».

Retome-se o exemplo da Wikipédia para se entender como as duas ideias sobre as quais foi erigida toda a égide da estratégia empresarial colapsaram: «Final, muitos milhões de utilizadores podiam fazer um trabalho tão bom e certamente mais barato. Ou seja, um elo da cadeia de valor estava a ficar fragmentado, à medida que os indivíduos se estavam a substituir às organizações».

Na segunda década da economia da Internet percebeu-se que «há menos necessidade de haver integração vertical e que as cadeias de valor podem ser quebradas. Um concorrente pode usar a sua vantagem num elo da cadeia para desestabilizar ou atacar outro».

Chegados à terceira década da economia tecnológica, o que a distingue? A resposta, argumenta Philip Evans, está no armazenamento da informação. «O armazenamento de dados explodiu de 2000 a 2007, e o digital substituiu, em grande medida, o analógico. Esses dados têm um endereço IP, estão ligados a um servidor, mas podem ser acedidos de qualquer ponto: estão na Internet. Os padrões das ligações entre servidores são um oceano de mudança. Uma mudança profunda na Economia».

O genoma dá-nos um exemplo do potencial proporcionado por este armazenamento. «A primeira sequenciação do genoma humano, de James Watson, foi o culminar do Projecto Genoma Humano. Foram precisos 200 milhões de dólares e dez anos de trabalho. Desde então, os custos de mapeamento de um gene caíram drasticamente até aos mil dólares, prevendo-se que cheguem aos 100 dólares. É um fenómeno!». Hoje já é possível encontrar padrões, continua Evans. «Se for ao médico com uma constipação,



a primeira coisa que se faz é mapear o gene. Já não se está a partir de um gene abstracto, mas do seu gene em particular. Pense no que isto significa quando combinamos dados médicos com dados de medicamentos, com dados de um indivíduo! Pense quando pudermos ligar todos estes dados e ver padrões que não conseguíamos ver antes! Isso levará a uma verdadeira revolução na Medicina».

Mas, a questão permanece: como é que essa partilha colossal entre bases de dados é compatível com os modelos de negócio actuais? A este propósito, Evans assinala que «a tecnologia está a levar a escala da actividade das instituições além das suas próprias fronteiras, às quais estávamos acostumados. A integração vertical está a evoluir para uma estrutura horizontal».

Num futuro que é já hoje, conclui Evans, as empresas têm de saber «coordenar competitividade com cooperação».

Saiba +

Sessão Paralela
“COMÉRCIO
ELECTRÓNICO –
MODA OU
FUTURO?”

SÁBADO:
11H30 E 14H30

NOVAS APPS ANF TODA A FARMÁCIA NO SEU BOLSO

TEXTO: RITA LEÇA

Novas aplicações para telemóvel permitem maior controlo na gestão do negócio e aproximam, ainda mais, farmácias e utentes.



São três aplicações “acabadinhas de sair” e que possibilitam, através de um *smartphone* ou de um *tablet*, ter maior controlo na gestão da farmácia, estar sempre actualizado com a informação essencial à prática diária e estreitar os laços com os utentes. Três *apps* muito diferentes, com objectivos específicos, mas com um ponto em comum: facilitar a vida das farmácias e de todas as pessoas que nelas confiam.

APP FARMÁCIAS PORTUGUESAS

FOTOGRAFIA: LUÍS SILVA CAMPOS

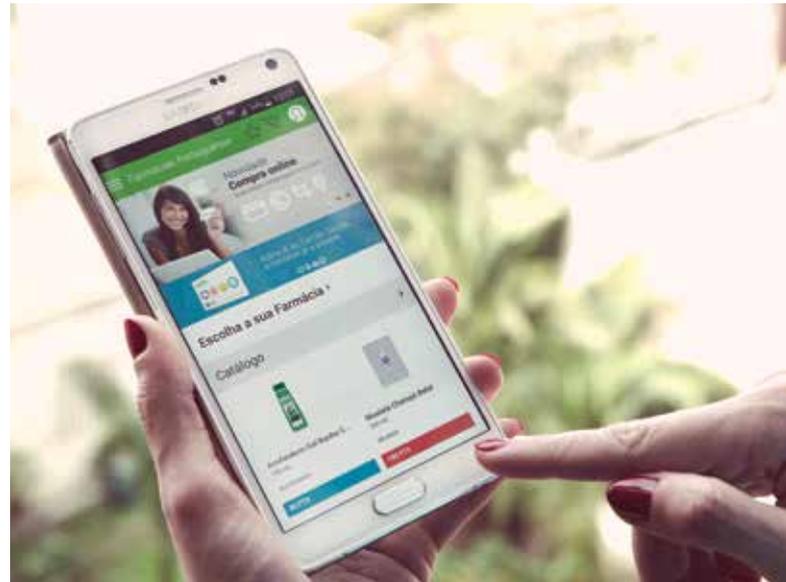
Lançada em Fevereiro, a *app* Farmácias Portuguesas é uma plataforma de comércio electrónico orientada para toda a população e que nasceu com o intuito de «colocar as farmácias onde os seus clientes já estão: no online». A afirmação é de Hugo Maia, responsável da Unidade de Suporte ao Desenvolvimento do Negócio das Farmácias, da ANF, que descreve as funcionalidades desta aplicação, explicando que a mesma foi desenhada «para permitir a reserva de produtos de saúde através da Internet – que depois podem ser recolhidos ao balcão ou entregues ao domicílio, para identificar as farmácias de serviço, alertar para a toma de medicamentos, entre outras».

Para já, diz, «os números mostram que estamos no caminho certo: desde o lançamento oficial, a 15 de Fevereiro, temos tido uma média de 350 encomendas por semana». Contas feitas, são 960 as farmácias que já receberam encomendas electrónicas, o que representa cerca de metade do universo das farmácias que estão aptas a funcionar nesta plataforma.

Num sector onde as relações interpessoais representam um factor crítico de sucesso, importa sublinhar que «o objectivo desta aplicação não é afastar as pessoas do espaço físico», conforme refere Miguel Lança, *Chief Information Officer* da ANF, que reforça que a ideia é «permitir que os utentes interajam com a sua farmácia mesmo quando não têm possibilidade de lá ir. No fundo, é fazer com que, cada vez mais, a farmácia ande no bolso ou nas malas das pessoas».

Até ao momento, foram já feitos mais de 22 mil downloads desta *app* que, segundo Pedro Ferreira, director da ANF, tem uma outra faceta que importa ter em conta: «É uma ferramenta fundamental para posicionar o farmacêutico quase como um “*personal health coach*”». No futuro, «os utilizadores poderão vir a receber alertas através desta *app* para a necessidade de renovação de determinado medicamento que possa estar a acabar ou ver premiados os seus hábitos de vida mais saudáveis», por exemplo.

Contudo, nas palavras de Hugo Maia, o fim é o mesmo: «Encontrar novas formas de dinamizar o negócio das farmácias. É este o *outcome* final que se espera com esta revolução tecnológica do sector».

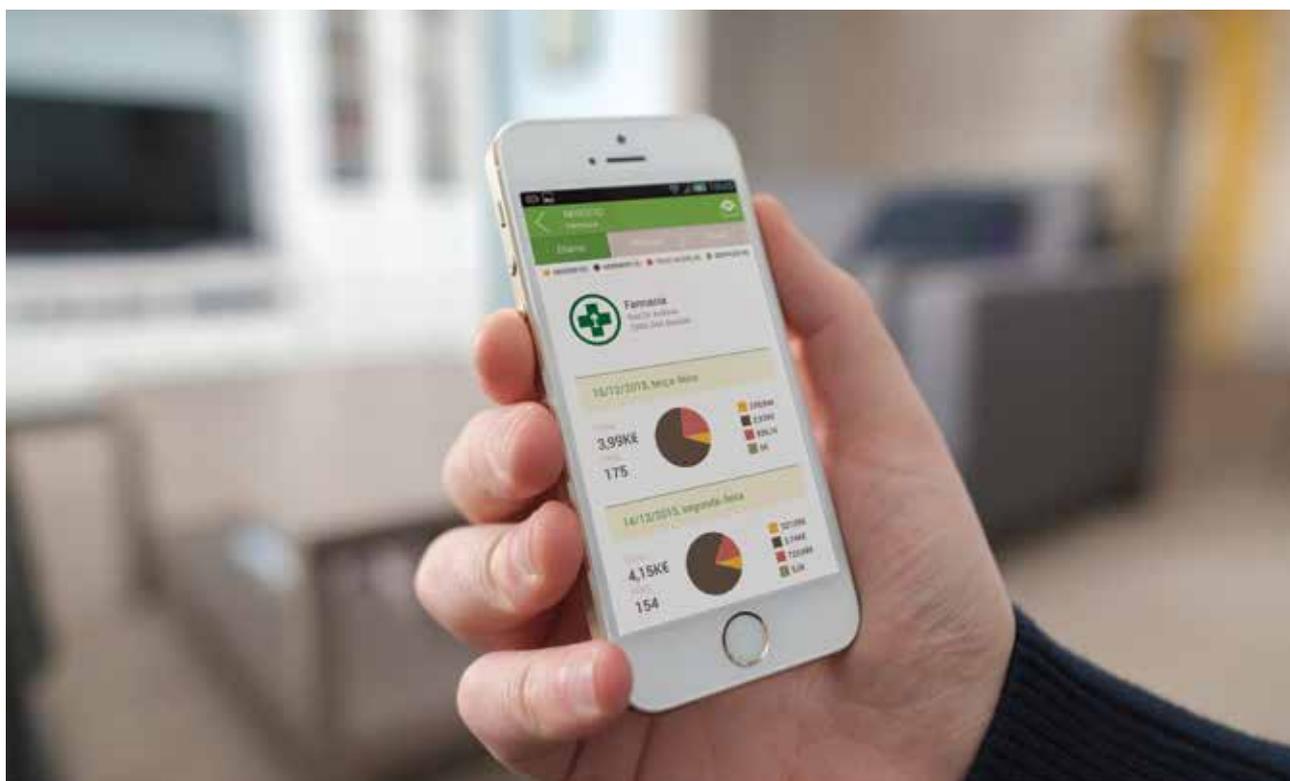
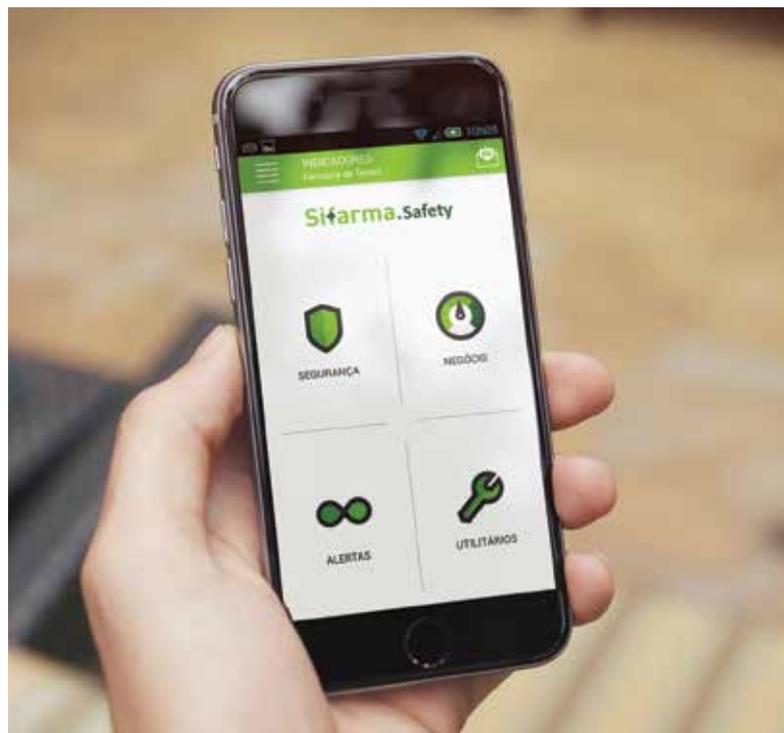


APP SIFARMA.SAFETY

Quase em simultâneo foi lançada a *app* Sifarma.Safety, que permite ao proprietário da farmácia acompanhar o seu negócio a qualquer hora e em qualquer lugar.

Conforme nota Miguel Lança, «esta é uma ferramenta de gestão da farmácia em matérias ainda pouco exploradas. O Sifarma.Gest, que é já um poderoso instrumento de gestão, possibilita ao proprietário a definição de estratégias para o futuro perante os acontecimentos actuais da farmácia. O Sifarma.Safety vai mais longe: permite monitorizar o desenvolvimento dessas mesmas estratégias».

Por isso, os desafios são elevados. Agora já é possível dar instruções aos colaboradores, personalizar alertas e receber no telemóvel actualizações permanentes dos indicadores que o utilizador considere mais importantes, mas a ideia é ir mais longe «Queremos imbuir a *app* de inteligência. É certo que já damos alertas e fornecemos indicadores-base da actividade da farmácia, mas vamos trabalhar, agora, para que estes alertas sejam verdadeiramente significativos para o seu gestor».



SAUDAMOS O FUTURO

Para as Farmácias Portuguesas, estar sempre próximo e disponível já não é suficiente. É tempo das portas se abrirem a uma nova saúde. Ao encontro das famílias, do bem-estar e do futuro da nossa atividade. Por isso criámos o Saúda. O novo cartão que saúda a inovação com a mesma energia com que sempre saudámos todos os portugueses.

www.farmaciasportuguesas.pt



saúda
o cartão que faz bem



FARMACIASPORTUGUESAS.PT

FAÇA COMPRAS NA SUA FARMÁCIA, AGORA ONLINE.



Leia este QR Code e faça o download da APP das Farmácias Portuguesas

Disponível em:



Farmácias Portuguesas

Se faz bem, a Farmácia tem.

APP ANFONLINE

É, das três, a mais recente. A *app* do ANFOnline foi disponibilizada no dia 1 de Março e permite aceder aos conteúdos clássicos do portal em qualquer lugar: circulares, newsletters, comunicados, vídeos, notícias ANF e notícias de imprensa.

As funcionalidades desta aplicação permitem encurtar a distância entre as farmácias e a ANF, mas também entre elas próprias, na medida em que a informação se torna mais acessível e estandardizada entre os sócios, quer se encontrem no interior do país, no litoral ou nas ilhas.

É de notar que esta é uma aplicação reservada apenas aos utilizadores do ANFOnline previamente autorizados.



APP DO CONGRESSO

O 12º CONGRESSO DAS FARMÁCIAS também tem uma *app*. Descarregue-a e fique a conhecer melhor o programa e os oradores; use-a para lhes colocar questões durante as sessões e receber notificações e alertas do que está a acontecer.

SUCESSO

Saiba +

Sessão Paralela
“NEGÓCIOS
EM PORTUGUÊS”

SEXTA-FEIRA:
11H30 E 14H30

COMO ELES LÁ CHEGARAM

A Farfetch, empresa que distribui online peças de roupa de luxo de 400 boutiques em 186 países e está avaliada em mil milhões de euros; a Ten to Ten, que distribui em pequenos supermercados de proximidade produtos alimentares portugueses de excelência; A Padaria Portuguesa que revolucionou a forma como iniciamos o dia. Estes são exemplos de “Negócios em Português” que vêm ao Congresso das Farmácias partilhar a sua fórmula para chegar ao sucesso.

TEXTO: SÓNIA BALASTEIRO



FARFETCH

A EMPRESA DOS MIL MILHÕES

FOTOGRAFIA: PAULO SOARES

É um negócio português avaliado em mil milhões de dólares. O segredo? Com uma organização matricial – a casa-mãe é em Guimarães, a Farfetch, empresa que serve de ponte entre peças de roupa de alta-costura de 400 boutiques de todo o mundo e o cliente final, através de uma plataforma online, aposta fortemente em programação, desenvolvimento de software e gestão de stocks.

Desde 2008, ano em que foi lançada no mercado, a empresa de distribuição de moda de luxo está a crescer mais de 100% ao ano. Só em 2015 facturou cerca de 450 milhões de euros. O objectivo é tornar-se, dentro de dois anos, líder mundial no comércio online de lojas de designers.

Com escritórios abertos em Londres e Portugal – em Guimarães e Leça do Balio, perto de Matosinhos, onde está a base de operações – a Farfetch tem já espaços em sete países, garantindo uma audiência global.

Além de Portugal e Inglaterra, está representada na China, no Japão, na Rússia, no Brasil e nos Estados Unidos, país líder de compras online dos produtos da empresa. Estes escritórios permitem vendas para 186 países.

Aos EUA, segue-se o Reino Unido, Hong Kong, Austrália, Alemanha, República da Coreia, Brasil, Federação Russa, França e China como principais mercados dos 120 mil produtos de 1990 marcas disponibilizadas no site.

Para se ter ideia do potencial de crescimento da empresa, só em Portugal trabalham 512 pessoas das 1.100 que emprega em todo o mundo. E as perspectivas são mais do que animadoras: no final do ano, a empresa terá aumentado o número de colaboradores para mais de 700 no país, absorvendo o conhecimento que sai das nossas universidades.

Estruturada entre serviços de desenvolvimento da plataforma, serviços financeiros e gestores de contas das lojas associadas, bem como uma parte do serviço ao cliente, todos em Leça do Balio, parte do segredo da Farfetch reside no investimento no bem-estar das pessoas que aqui trabalham, com uma média de idades de 30 anos.

Além do ambiente descontraído na empresa, onde se vêem mesas de pingue-pongue, sofás em espaços comuns para reuniões informais, e o escorrega que serve de alternativa às escadas que ligam os dois andares do enorme *open space*, diariamente a Farfetch oferece aos colaboradores o pequeno-almoço e sopa. Às terças e sextas, oferece também almoços temáticos.

E, num espírito de melhoria contínua, tem vários pilares que lhe servem de base de crescimento: “*Be human*”, “*Think global*”, “*Be brilliant*”, “*Be revolutionary*” e, em bom português, “*Todos juntos*”.





!PARTE DO
SEGREDO
DA FARFETCH RESIDE
NO INVESTIMENTO
NO BEM-ESTAR DAS
PESSOAS QUE AQUI
TRABALHAM, COM
UMA MÉDIA DE
IDADES DE 30 ANOS



TEN TO TEN

A LOJA
DO
BAIRRO

FOTOGRAFIA:
SARA MATOS



A proximidade é um dos segredos do sucesso da Ten to Ten, empresa de distribuição alimentar que espera ter, até ao final de 2016, nove lojas estrategicamente abertas em bairros lisboetas.

Desde que abriu o primeiro supermercado em Telheiras, Lisboa, em Setembro de 2009, foram inaugurados mais dois em apenas seis meses: um no Alto dos Moinhos, Lisboa, outro em Cascais. A filosofia é idêntica em todos: apostar em produtos nacionais de pequenos produtores e apostar na proximidade, conceito este que foi muito inspirado nas farmácias, conforme confessam os sócios Pedro e Beatriz Capaz. «Quisemos ser a loja do dia-a-dia, estar presentes nos bairros», diz Pedro.

O desafio era grande, continua. Quando a Ten to Ten surgiu, «o comércio tradicional estava a definhar, sem capacidade de inovação e de gestão. Não havia pequenas cadeias de distribuição alimentar. Se acreditássemos que era possível mudar isso, introduzindo um conceito

com inovação, com produtos que as pessoas pretendem, a preços acessíveis, alterando hábitos e levando as pessoas a economizar, comprando apenas os produtos que utilizam e gerindo, assim, melhor o seu orçamento, teríamos sucesso». Têm.

“Poupe na hora, ganhe no tempo” é o lema das lojas Ten to Ten, cujo nome remete para o horário de abertura: das 10h da manhã às 10h da noite – sete dias por semana. Estes factores, juntamente com a valorização dos produtos nacionais e o acesso a pequenos produtores sem escala, mas com vontade para colocar os seus produtos nas grandes superfícies, granjearam, logo desde o início, «uma boa adesão» nos bairros em que a Ten to Ten está presente.

O objectivo agora é solidificar o que foi conseguido. Quanto aos clientes, «podem esperar ter frescos realmente frescos – a carne e o peixe por exemplo, são sempre do dia, e todos os produtos líderes de mercado». Mas «se quiser uma coisa diferente, nós também temos», assegura Pedro Capaz.

A PROXIMIDADE É UM DOS SEGREDOS DO SUCESSO DA TEN TO TEN





DIREITOS RESERVADOS

A PADARIA PORTUGUESA

UM VELHO CONCEITO REVOLUCIONADO

Tudo começou em 2009, quando dois primos, Nuno Carvalho, dono de uma carreira sólida no grupo Jerónimo Martins, e José Diogo Quintela, um dos quatro Gatos Fedorentos, juntaram a ideia, e o dinheiro, para criar um novo conceito de padaria que levasse a uma também nova forma de começar o dia. Eis o típico exemplo de um velho conceito revolucionado, materializado, pela primeira vez, em Novembro de 2010, na Avenida João XXI, em Lisboa. Dois anos depois eram já dez as lojas abertas – número que dobrou no ano seguinte, só na capital uma nova fábrica e mais de 90 colaboradores.

Nuno, que teve a ideia e se apresenta como padeiro, explica que, ao mesmo tempo que «não existia em Portugal uma visão organizada» para este sector da restauração, a oferta não ia «ao encontro das expectativas dos consumidores de hoje». Daí que, quando caminhava por uma rua de Lisboa e viu uma carrinha de distribuição de pão, tenha tido a ideia de criar esta «padaria de bairro com marca própria», como a define desde o início.

«Trabalhamos com o objectivo de desenvolver relações de proximidade com os consumidores», sublinha

Nuno Carvalho, assentes numa oferta de binómio qualidade/preço acima da média. Em termos concretos, foi gerada uma nova cadeia de valor, que arranca no fabrico próprio de pães e bolos – no qual se especializaram, e onde se inclui a famosa massa brioche – e termina na venda nas lojas da marca, todas com uma identidade própria mas simultaneamente comum.

A meta d'A Padaria Portuguesa é agora chegar às 40 lojas até ao final de 2016. Não falta muito: hoje são 39 lojas, mais de 700 colaboradores. Recebe, todos os dias, mais de 25 mil clientes e é uma das principais empresas no mercado da restauração. Compra diariamente um milhão e meio de quilos de laranja, 750 mil quilos de farinha e 150 mil quilos de açúcar. É um dos maiores clientes da reputada Delta e contribui, diariamente, com toneladas de comida para instituições de solidariedade social.

O palmarés é também impressionante: venceu já o Prémio Mercúrio para o Melhor Comércio, foi o *Entrepreneur of the Year*, da Ernst&Young, PME de excelência e *Superbrands of the Year 2015*.

Em 2016, os dois primos esperam ter um volume de negócios de 26,4 milhões de euros.

saúda



Saúda com + saúde!

- + de 6.000 Clientes Satisfeitos
- + de 11.000 Utilizações com Poupança para o Cliente
- + de 25.000 Prestadores para cuidar de si

Plano
+saúde
sempre a cuidar de si

Para saber mais informações ligue para **808 789 789**



LISBOA

*Maria da Luz Sequeira
passeia pela Baixa,
entra no eléctrico 28
e sobe a um helicóptero
para mostrar como é boa
a vida de Lisboa.*

VOA, VOA!

TEXTO: CARLOS ENES
FOTOGRAFIAS: PEDRO LOUREIRO





MARIA DA LUZ
 NASCEU EM ALBUFEIRA. SEM OFENSA PARA OS ALFACINHAS DE GEMA, LISBOA NÃO SERIA NADA DO QUE É SEM OS PORTUGUESES DE TODAS AS REGIÕES.

Não vai há quinhentos anos, o frade António Ribeiro cansou-se de viver em clausura no Convento de S. Francisco, de Évora. Ele já não viu três irmãos franciscanos transformar a camarata onde dormiam na famosa Capela dos Ossos. Meteu pés e mulas ao caminho, cruzou o Tejo de barçaça e só assentou depois de trepar a colina de Santa Catarina, zona fidalga abraçada pela muralha fernandina. Nunca despiu o hábito clerical nem aliviou a corda à cintura. Começou foi a *cuspir fininho* em voz alta, à fadista. José Cardoso Pires, com precisão de relojoeiro, chamava *cuspir fininho* ao linguajar desafiador dos lisboetas mais típicos. Frei António foi precursor dessa arte travessa de afiar a língua: fazia versos satíricos e recitava ao ar livre, imitava vozes e figurões, gozava com costumes e grandezas. Não lhe deu para as mulheres, só para uns tragos de vinho na taberna de um tal Gaspar Dias. Não se sabe ao certo qual deles dava pela alcunha:

– Canta para aí, ó *Chiado*.

Parece que respondiam ambos. E foi assim que um taberneiro e um agitador de rimas deram nome ao bairro fino. O terramoto de 1755 e o incêndio de 1988 facilitaram a transição geracional do espaço urbano.

As tragédias, afinal, foram colossais dores de parto. Permitiram ao Chiado renascer consoante as épocas. Por exemplo, agora: Lisboa vive ocupada por uma nuvem permanente de turistas, não podia conservar no coração um bairro de tertúlias. O Chiado passou a ser uma praça do mundo.

As grandes marcas multinacionais, de luxo ou consumo massificado, abriram portas nos antigos armazéns reconstruídos, assim como por toda a Baixa. Os escritores levantaram-se das mesas. A força do comércio, que ergue e destrói coisas belas, empurrou-os para todo o lado: livrarias, numerosos alfarrabistas, clubes como o Eça de Queiroz e o Grémio Literário. Os justamente alcandorados a “vultos literários” levaram um banho de bronze dos vindouros: Eça abraça uma musa num jardim de palmeiras, Pessoa pensa em nada na esplanada d’A Brasileira e Camões controla tudo a 12 metros de altura. No meio deles, noutro pedestal de pedra, António Ribeiro, o tal poeta satírico. Puseram-lhe à porta uma saída do metropolitano, mas a maioria tropeça nele sem o ver, quanto mais ouvir.

– Alguém viu por aí o *Chiado*?

A taberna do Gaspar também se perdeu no tempo, mas por aqui ainda há o restaurante certo para cada visitante.

Porta sim, porta não, o vizinho Bairro Alto chama para a mesa. Arroz de línguas de bacalhau no Fidalgo, pastéis de massa tenra no Sinal Vermelho, lampreia no 1.º de Maio, tudo almoços de chorar por mais. Para jantares inesquecíveis, o Duplex. Fica no Cais do Sodré, local especializado em cocktails de criaturas do lado errado da noite com juventude em festa, de copo na mão pelas ruas.

Maria da Luz Sequeira é militante fervorosa do comércio tradicional. Não põe os pés em grandes superfícies ou cadeias de supermercado. Antes frequenta mercearias, lojas de frutos secos, chá e cafés de balão. Também a fascinam as casas com tradição em adereços exclusivos. Na Rua do Carmo, entrámos na Ulisses, a «última luvaria nacional». Fabrico artesanal, a rimar com as melhores peles. Ao balcão, Carlos Carvalho recebe com ar de riso.

– Vem cá toda a gente de bom gosto.

Luvas tão belas não calçam crises. A metáfora também serve, à medida, a chapelaria Azevedo Ruas. No Rossio desde 1886, há cinco gerações na mesma família. Vendeu cocos e cartolas a milhares de cavalheiros. Ainda hoje fornece chapéus de senhora quando o Governo toma posse ou há casamentos de revista. À esquina da chapelaria, paragem obrigatória:

– Três com elas, pago eu.

A ginja! Ginja é a Ginja do Rossio. A nossa anfitriã saboreia o copinho e o passeio. Sem pressa, a colecionar destinos. A tarde vai dar à Confeitaria Nacional, a mais antiga de Lisboa. Doces e chocolates de fabrico caseiro. Dispostos em frascos de vidro e elegantes tabuleiros parecem peças delicadas de ourivesaria. A maior tentação da farmacêutica é o bolo-rei. Fundada em 1829, a Nacional fornecia a Casa Real por alvará de D. Luís I e gosto de D. Maria Pia. Sempre houve em Lisboa mulheres a preferir o que é bom.

LISBOA VIVE OCUPADA
POR UMA NUVEM
DE TURISTAS, NÃO PODIA
CONSERVAR NO CORAÇÃO
UM BAIRRO DE TERTÚLIAS.
AGORA O CHIADO É
UMA PRAÇA DO MUNDO





CASA DO ALETEJO

ANTÓNIO RIBEIRO, O CHIADO



CONFEITARIA NACIONAL



Lisboa, tal como existe, é um privilégio nosso. Um dia, já se sabe, virá outra vez abaixo para renascer das cinzas. Milhares de edifícios da capital foram construídos ou reabilitados sem o cuidado de os preparar para o regresso, certo mas sem hora marcada, do grande terramoto. No miradouro da Graça, pregados a um muro, os versos de Sophia de Mello Breyner gritam à paisagem.

Lisboa cruelmente construída

Só responde beleza. A luz do Sol revela a absurda beleza de uma cidade que é um arco-íris de monumentos, vaidades, cores, jardins e casas podres.

*Lisboa com seu nome de ser e de não-ser
Com seus meandros de espanto insónia e lata
E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro*

Ali perto, outro miradouro. Da Senhora do Monte a vista cresce para Norte. Cresce também o estonteante mosaico de estilos. O vento semeou-os no espaço urbano, sem padrão nem regra. O olhar viaja no tempo aos repêlões, pára e arranca nas épocas como as carreiras do eléctrico. O 28 vai cheio de turistas, carteiristas e alguns lisboetas, Graça abaixo, Chiado acima. Às terças e sábados, muitos apeiam-se na Feira da Ladra, uma orgia do comércio a céu aberto. Maçanetas de porta, azulejos, discos, roupas, farrapos, rádios de todas as épocas, peças e cacos, espólios de lata e de museu. O 28 suspende a marcha em frente da Igreja de S. Vicente de Fora e vê-se logo o rebuliço. Só duas paragens depois o guarda-freios grita, para praticar línguas.

– Castelo, *castle*, *château*.

Está escondido na colina, precisa de aviso. Da Cerca Moura ou do Miradouro de Santa Luzia o que se vê é o rio. Um vai e vem de barcos cacilheiros e pacotes de cruzeiro descomunais atracados em Santa Apolónia. O mártir S. Vicente entrou em Lisboa deitado numa barca, mas aqui está bem de pé – é maior do que toda a gente. Corvos já é raro, mas pousam nele muitas pombas de Lisboa. O padroeiro abençoa a descida, por escadas e ladeiras, a Alfama e à Mouraria. Becos, vielas, cheiros a tudo, pregões e escaramuças, caça ao turista e casas de verdadeiro fado vadio, como a Tasca do Chico ou a Mesa de Frades.



Quem segue viagem senta-se nos lugares que ficaram livres. Vem aí a Igreja de Santo António, a tal dos casamentos, depois a Sé e a paragem na baixa pombalina. O arco da Rua Augusta abriu ao público, com vista para a Praça do Comércio. Este culto das varandas e miradouros é sintoma da grande doença colectiva: a obsessão de meter Lisboa inteira olhos adentro.

*Digo o nome da cidade
- Digo para ver.*

No 28, a obsessão não dá azo a fugas. Quem sai na Baixa pode fugir ao arco e subir a pé em sentido contrário. Dez minutos e novo convite, para ver a paisagem do avesso. Um ascensor, a que os lisboetas chamam “elevador da Glória”, leva-nos ao Miradouro de S. Pedro de Alcântara. Aqui, colina da Graça e Costa do Castelo são os vizinhos da frente. Seguir viagem é a terceira opção, até à sede da ANF. Não dá para fechar os olhos. Mesmo em frente fica o Miradouro de Santa Catarina. O Tejo deslumbrante parece à distância de um mergulho.



IGREJA DE S. VICENTE DE FORA



ARCO DA RUA AUGUSTA



PALÁCIO FRONTEIRA,

na freguesia de S. Domingos de Benfica, é uma das mais notáveis heranças do período renascentista. Só a azulejaria e os jardins deslumbrantes justificam a visita. A Fundação das Casas de Fronteira e Alorna promove visitas guiadas de segunda a sábado.



EXPERIMENTAR LISBOA

O aluguer de casas de curta duração está na moda. Famílias e grupos de amigos podem experimentar mesmo como é viver em Lisboa. Cozinhar pode ser uma experiência surpreendente. Em mercados e peixarias de bairro é fácil encontrar **peixe fresco** do dia, como se estivesse em Matosinhos ou Sesimbra.

BOTEQUIM

No Botequim, à volta de um piano, da poesia e da personalidade de Natália Correia, reuniram-se os mais importantes protagonistas da cultura e da política portuguesas pós-25 de Abril. Tem biblioteca, boas tostas e petiscos, vinhos e gins.



O PITÊU

Paramos para almoçar? Há várias opções económicas no Largo da Graça. O Pitêu destaca-se na cozinha portuguesa. O Restaurante Via Graça, na Rua Damasceno Monteiro, é boa opção para quem procura um ambiente mais requintado. A sala de refeições tem vista de miradouro.



MUNDO DE AVENTURAS

Este é um assunto sério, à consideração de todos os pais: a primeira viagem a Lisboa pode tornar-se uma das melhores memórias da infância. A capital é um mundo de aventuras, permanentemente ao serviço das crianças e crescidos que não perderam a alegria e o sonho.

O Jardim Zoológico e Planetário, desde sempre, e o Oceanário, desde a EXPO'98, são experiências obrigatórias. Lisboa tem muitas outras. Desde logo, o Museu da Farmácia e a maioria dos museus oferecem programas educativos. Os parques e as viagens de barco – até Cacilhas, Trafaria ou Porto Brandão – são bons programas de fim-de-semana em família. Lisboa revela-se inteira numa viagem pelo rio. O autocarro anfíbio HIPPOtrip é uma excelente opção para quem tem crianças.

A excitação do momento são as viagens de helicóptero a partir de Algés, promovidas pela Lisbon Helicopters. Recomendamos a Rota Real, viagem de meia hora até Sintra. Sobrevoa os palácios de Queluz, da Pena e da Vila. Para grupos de amigos, é bem divertido sobrevoar o Cristo Rei para ir comer sushi a um restaurante premiado da margem sul e regressar de helicóptero.

A Lisbon Helicopters oferece preços promocionais aos inscritos no 12.º Congresso das Farmácias. Pode fazer o voo ANF, de 12 minutos, sobre a Torre de Belém, Padrão dos Descobrimentos, Mosteiro dos Jerónimos, Ponte 25 de Abril e Cristo Rei, por 199 euros. Para iniciados, um baptismo do ar sobre a foz do Tejo. Aproximadamente 5 minutos de exaltação, por 99 euros.



A FARMACÊUTICA DA LUZ

Maria da Luz Sequeira é filha de mãe alentejana e pai algarvio. Ela própria nasceu em Albufeira. Sem ofensa para os alfacinhas de gema, Lisboa não seria nada do que é sem os portugueses de todas as regiões. O parto aconteceu de súbito, na casa de família. Os médicos só tinham programado o internamento da parturiente para dali a dois dias. Teve pressa de nascer e nunca mais reprimiu o carácter decidido.

Entrou na estrutura associativa como delegada de zona. «Soldado raso», gosta de recordar, que disparava rajadas de opiniões nas assembleias-gerais. Quando João Cordeiro a convidou para integrar a Direcção da ANF, pôs como condição ser efectiva, não tem feitio de suplente. E deixou-lhe um aviso: «Se julgas que me vais calar, fica a saber que em vez de lebares comigo duas vezes por ano, terás de me ouvir todos os dias». Esteve 17 anos na Direcção, 14 dos quais como vice-presidente. Como directora, impulsionou uma renovação profunda na Revista Farmácia Portuguesa.

A farmacêutica que convida chegou a Lisboa para fazer o antigo 6.º ano do Liceu. Vivía na Avenida de Roma com uma irmã mais velha, aos cuidados da parteira improvisada que assistiu a mãe no parto. Entrou em Medicina. Para grande alegria da mãe, não gostou do curso e mudou para Farmácia. Adquiriu a Farmácia da Luz em 1981. A Direcção-Geral dos Assuntos Farmacêuticos ainda implicou, queria que o nome fosse Farmácia Luz, simplesmente. Tempo perdido pela burocracia. «O meu nome é Maria da Luz». Para quem a conhece, é quanto basta.





:2

:1 LISBON HELICOPTERS

Preços especiais para inscritos no 12.º Congresso das Farmácias.

Heliporto de Algés

Reservas:

213 011 794 / 917 225 995

www.lisbonhelicopters.com

:2 PALÁCIO FRONTEIRA

Fundação das Casas de Fronteira e Alorna

Informações e marcações de visitas de grupo:

217 782 023

www.frenteira-alorna.pt

:3 DUPLEX RESTAURANTE E BAR

Rua Nova do Carvalho, 58, Lisboa

T. 915 162 808

www.duplexrb.pt

:4 RESTAURANTE FIDALGO

Rua da Barroca, 27 – Bairro Alto

T: 213 422 900

www.restaurantefidalgo.com

:5 MUSEU DA MÚSICA

Estação do Metropolitano

Alto dos Moinhos

Rua João de Freitas Branco

T. 21 771 09 90 - 8

www.museudamusica.pt

:6 MUSEU DA FARMÁCIA

Rua Marechal Saldanha, 1

www.museudafarmacia.pt

:7 JARDIM ZOOLÓGICO DE LISBOA

Praça Marechal Humberto Delgado, Sete Rios

www.zoo.pt

:8 FARMÁCIA DA LUZ

Estrada da Luz, 128 A

T: 217 210 990



:8

Prisão de ventre?

Da natureza vem a resposta.



NOVO
FRUTOS & FIBRAS
CONCENTRADO



Se tem problemas de trânsito intestinal e se já tentou de tudo, está na hora de procurar a resposta na natureza. Frutos & Fibras da Ortis, com figo e ruibarbo que contribuem para o normal funcionamento intestinal, com tamarindo que promove o trânsito através de um efeito de volume e com uma boa dose de fibras, é a resposta da natureza contra a prisão de ventre.

Gama de suplementos alimentares à venda em farmácias.
Veja quais em www.frutosefibras.com.

 **ORTIS**[®]
laboratoires

Harmonia com a natureza.[®]

SIMPÓSIO CIENTÍFICO

14 ABRIL

FARMÁCIAS: REDE DE INOVAÇÃO E EVIDÊNCIA NO SNS

PROGRAMA PROVISÓRIO

08H30 **RECEPÇÃO E ENTREGA DE DOCUMENTAÇÃO**

09H00 **ABERTURA**

20 anos de Evidência na Rede de Farmácias Portuguesas. Que Caminhos para o Futuro?

Suzete Costa Centro de Estudos e Avaliação em Saúde

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

The Economic Value of Public Health Interventions

Helen Weatherly Senior Research Fellow, Centre for Health Economics, University of York

10H00 **Contributo das Farmácias para a Eficiência do Sistema de Saúde**

MODERADOR: *Dennis Helling* Univ. Colorado Skaggs School of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences

Understanding and appraising the "New Medicines Service" in the NHS in England

Lukasz Tanajewski Division of Social Research in Medicines and Health, School of Pharmacy, University of Nottingham

Projecto-Piloto USFarmácia: primeiros passos

José Luís Biscaia USF S. Julião

Suzete Costa Centro de Estudos e Avaliação em Saúde

11H10 **CAFÉ E VISITA AOS PÓSTERES**

11H15 **Abertura Oficial da Expofarma**

11H40 **Contributo das Farmácias para a Evidência Observacional em Contexto Real**

MODERADOR:

Ana Paula Martins Bastonária da Ordem dos Farmacêuticos

Hubert Leufkens Utrecht University, Faculty of Science, Utrecht Institute for Pharmaceutical Sciences

Rede de geração de evidência na Holanda

Irene Bezemer PHARMO Institute for Drug Outcomes Research, Utrecht

Modelo Observacional de Monitorização Intensiva

Carla Torre Centro de Estudos e Avaliação em Saúde

COMISSÃO CIENTÍFICA**PRESIDENTE:** Margarida Caramona FFUC

António Vaz Carneiro FML-CEMBE

Carlos Afonso FFUP

Pedro Pita Barros FE-UNL

Sofia Oliveira Martins FFUL

Ana Miranda Consultora CEFAR

Rute Horta Departamento de Serviços Farmacêuticos da ANF

Sílvia Rodrigues Direcção da ANF

Suzete Costa CEFAR

- 12H10** **Comunicações Orais Breves I**
MODERADOR: Ana Miranda
 Consultora de Farmacoepidemiologia do CEFAR
- 12H30** **ALMOÇO E VISITA AOS PÓSTERES**
- 14H30** **Avaliação de Intervenções em Saúde Pública nas Farmácias**
MODERADOR: António Vaz Carneiro
 Centro de Estudos de Medicina Baseados na Evidência
- Economic Evaluation of Pharmacy Services: 20 years in review*
Daniel Touchette Center for Pharmacoeconomic Research,
 College of Pharmacy, University of Illinois at Chicago
- Community Pharmacy and Public Health: literature review of effectiveness and cost-effectiveness*
Claire Anderson Division of Social Research in Medicines and Health,
 School of Pharmacy, University of Nottingham
- COMENTADOR**
Luís Lapão Instituto de Higiene e Medicina Tropical (IHMT),
 Universidade Nova de Lisboa
- 15H40** **Comunicações Orais Breves II**
MODERADOR: Ana Miranda
 Consultora de Farmacoepidemiologia do CEFAR
- 16H10** **CAFÉ E VISITA AOS PÓSTERES**
- 16H40** **Conferência de Encerramento:**
 Uma Visão do Futuro
Francisco Batel Marques Associação para a Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem
- 19H00** **Expofarma Networking Wine & Cheese**

A INOVAR CONSIGO

12.º CONGRESSO DAS FARMÁCIAS

15 ABRIL
SEXTA-FEIRA

09H00 | SESSÃO DE ABERTURA

Adalberto Campos Fernandes, Ministro da Saúde
Ana Paula Martins, Bastonária da Ordem dos Farmacêuticos
Paulo Cleto Duarte, Presidente da ANF

09H30 | PLENÁRIO

Inovar nos Sistemas de Saúde

MODERADOR:

Nuno Vasco Lopes, Direcção da ANF

CONFERENCISTA:

Elias Mossialos, Director of the London School of Economics

António Rendas, Reitor da Universidade Nova de Lisboa **VER PÁG. 20**

11H00 | CAFÉ E VISITA AOS PÓSTERES

11H30 | SESSÕES PARALELAS

Como fazer com que os seus clientes se sintam especiais?

KAIZEN - Hoje melhor do que ontem, amanhã melhor do que hoje!

Negócios em Português

Pharmaceutical Bites

13H00 | ALMOÇO E VISITA AOS PÓSTERES

14H30 | SESSÕES PARALELAS

Como fazer com que os seus clientes se sintam especiais?

KAIZEN - Hoje melhor do que ontem, amanhã melhor do que hoje!

Negócios em Português

Pharmaceutical Bites

16H00 | CAFÉ E VISITA AOS PÓSTERES

16H30 | PLENÁRIO

Inovar na Relação com o Consumidor

MODERADOR:

Pedro Ferreira, Direcção da ANF

CONFERENCISTA:

Philip Evans, BCG **VER PÁG. 28**

Francisco Pinto Balsemão, Impresa

18H00 | Fim dos Trabalhos

19H00 | Expofarma Networking Wine & Cheese

21H00 | Evento Prémios Expofarma

16 ABRIL SÁBADO

09H00

PLENÁRIO**Inovar nas Tecnologias de Saúde**

MODERADOR:

Ana Cristina Gaspar, Direcção da ANF

CONFERENCISTA:

*Kenneth Kaitin, Centro de Investigação
Novas Terapêuticas**Henrique Luz Rodrigues, Presidente
do Infarmed**António Vaz Carneiro, CEMBE*

11H00

CAFÉ E VISITA AOS PÓSTERES

11H30

SESSÕES PARALELAS

Comércio Electrónico - Moda ou Futuro?

Encontre o *personal trainer* para
a sua farmáciaInovar na colaboração em cuidados
de saúdeA Diferenciação das farmácias
na abordagem aos MNSRM"Não à Diabetes!"
- um desafio às farmácias

13H00

ALMOÇO E VISITA AOS PÓSTERES

14H30

SESSÕES PARALELAS

Comércio Electrónico - Moda ou Futuro?

Encontre o *personal trainer* para
a sua farmáciaInovar na colaboração em cuidados
de saúdeA Diferenciação das farmácias
na abordagem aos MNSRM"Não à Diabetes!"
- um desafio às farmácias

16H00

CAFÉ E VISITA AOS PÓSTERES

16H30

PLENÁRIO**Inovar na Contratualização** VER PÁG. 18

MODERADOR:

*Pedro Santos Guerreiro, Jornal Expresso**Dennis Helling, Univ. Colorado Skaggs School
of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences*

•O exemplo da Austrália

*George Tambassis, Presidente do Pharmacy Guild
of Australia*

•O exemplo do Reino Unido

*Rajesh Patel, Direcção da National Pharmacy
Association*

CONFERENCISTA:

Miguel Gouveia, Universidade Católica Portuguesa

18H00

**Prémios Melhor Póster
Fim dos Trabalhos**

19H00

Expofarma Networking Wine & Cheese

SESSÕES PARALELAS

15 ABRIL

:1

COMO FAZER COM QUE OS SEUS CLIENTES SE SINTAM ESPECIAIS?

Nesta sessão serão apresentados exemplos práticos de processos e soluções de activação de dados de clientes, em diferentes sectores de actividade, reconhecendo algumas das boas práticas que são implementadas nos programas de fidelização nos seus diferentes formatos.

SENIOR LOYALTY ADVISOR OF VON ARAL/BP: MANUEL WERNER; **HEAD OF KEY ACCOUNT MANAGEMENT RETAIL AT PAYBACK:** ULRICH KIENDL; **BRAND ACTIVATION PHARMA JOHNSON & JOHNSON:** DANIELA ROTGER; **GLOBAL PRODUCT OWNER CAMPAIGN PLATFORM PAYBACK:** LISA SCHMITZ; **EMNOS:** DANIEL VIEIRA.

:2

KAIZEN - HOJE MELHOR DO QUE ONTEM, AMANHÃ MELHOR DO QUE HOJE!

A melhoria da eficiência operacional é fundamental para o desenvolvimento de qualquer negócio. Nesta sessão serão apresentados exemplos práticos de aplicações da metodologia KAIZEN na farmácia, assim como em outros ramos de actividade, com realce para os seus outputs. Dismistificação face a outras metodologias da qualidade.

KAIZEN INSTITUTE: ANTÓNIO COSTA; **FARMÁCIA LUCIANO E MATOS:** HELENA AMADO.

:3

NEGÓCIOS EM PORTUGUÊS

VER
PÁG.
36

A crise afectou de sobremaneira os negócios em Portugal. Conheça nesta sessão testemunhos, na primeira pessoa, do sucesso que a criatividade lusa pode atingir, inspirada em valores comuns aos das farmácias.

H3: ALBANO HOMEM DE MELO; **TEN TO TEN:** PEDRO CAPAZ; **A PADARIA PORTUGUESA:** NUNO CARVALHO; **BANCO CTT:** JOÃO MELLO FRANCO; **FARFETCH:** MARIANA ASCENÇÃO; **PORTO RÉCCUA VINHOS:** PAULO MENESES OSÓRIO.

:4

PHARMACEUTICAL BITES

A sessão *Pharmaceutical Bites* pretende dar a conhecer o que de novo está a ser desenvolvido ao nível da terapêutica, dispositivos médicos ou produtos de saúde e bem-estar, e os seus impactos na amplitude da acção que caracteriza o acto farmacêutico.

BLUEPHARMA: CLÁUDIA SILVA; **LINEHEALTH:** LOURENÇO OLIVEIRA; **ABBVIE;** **BIOSURFIT:** DANIEL NEVES

16 ABRIL

:5

COMÉRCIO ELECTRÓNICO – MODA OU FUTURO?

VER
PÁG.
30

Nesta sessão serão apresentados exemplos práticos de portais online na área do medicamento, assim como a experiência adquirida na implementação dos seus modelos de negócio.

KARMA E FARMÁCIAS PORTUGUESAS: RUI CORREIA NUNES; **IDC:** GABRIEL COIMBRA;
LA REDOUTE: PAULO PINTO; **GLINTT:** JOÃO ARAÚJO

:6

ENCONTRE O *PERSONAL TRAINER* PARA A SUA FARMÁCIA

A optimização de processos nas áreas Operacional, Económico-Financeira, Recursos Humanos e Marketing são fundamentais para alavancar o seu negócio. Há uma solução para passar da teoria à prática... aceita o desafio?

FARMÁCIA RAINHA; FARMÁCIA LISBOA

:7

INOVAR NA COLABORAÇÃO EM CUIDADOS DE SAÚDE

Transformação dos cuidados de saúde primários para cuidados de saúde de qualidade, centrados no cidadão e com uma nova geração de equipas multi-profissionais. Que modelo colaborativo entre as farmácias e as USF faz sentido desenvolver e implementar?

DIRECÇÃO USF-AN: JOÃO RODRIGUES; **FARMÁCIA SAÚDE:** ANABELA MASCARENHAS;
SERVIÇOS FARMACÊUTICOS ANF: RUTE HORTA

:8

A DIFERENCIAÇÃO DAS FARMÁCIAS NA ABORDAGEM AOS MNSRM

A categoria de MNSRM de dispensa exclusiva em farmácia é recente no panorama da classificação de medicamentos quanto à dispensa. Importa assim perspectivar a sua evolução e o desafio estratégico que representa para o relacionamento da farmácia com os utentes e com a própria indústria farmacêutica. Quais os medicamentos classificados neste âmbito em outros países? Haverá oportunidade para alargar a lista de medicamentos desta categoria e a intervenção das farmácias no nosso país?

FORMIFARMA: JOSÉ ARANDA DA SILVA; **MEDINFAR:** JOÃO ALMEIDA LOPES; **FARMÁCIA DO ALTINHO:** HENRIQUE SANTOS

:9

“NÃO À DIABETES!” – UM DESAFIO ÀS FARMÁCIAS

VER
PÁG.
6

Mais de 1 milhão de portugueses tem diabetes e, destes, cerca de metade desconhece ter a doença, que progride silenciosamente até surgirem as primeiras complicações. Perante a dimensão deste problema e a necessidade de se encontrar abordagens integradas em toda a sociedade num esforço de prevenção e identificação de indivíduos em risco, quais as oportunidades para uma intervenção articulada e sinérgica entre farmácias e os cuidados de saúde primários? O que podemos aprender com as iniciativas locais?

PROGRAMA GULBENKIAN INOVAR EM SAÚDE: JORGE SOARES; **FARMÁCIA ALVA:** MARIA DE LURDES DA SILVA SANTOS E PAULA DINIS

URGÊNCIA

**PAULO
CLETO
DUARTE**



©PAULO NETO

O ministro da saúde, numa importante entrevista ao jornal Expresso, reconheceu que «muitas farmácias estão em grandes dificuldades». Nos últimos anos, temos alertado sistematicamente para esta realidade. Milhares de associados sentiram-na na pele, de forma angustiante ou mesmo até ao desespero final.

É muito importante que o problema das farmácias seja reconhecido, sem sofismas, pelo mais alto responsável da governação da Saúde.

O mais recente levantamento, publicado pela ANF em Março, revela a existência de 549 farmácias em situação de insolvência ou de penhora. O fenómeno cresceu 127,8% em apenas três anos. Estamos perante uma grave disfunção estrutural de natureza económica. Temos, agora, 18,7% das farmácias ameaçadas. Uma em cada cinco farmácias dos portugueses está em risco.

Outro facto relevante é que o mais alto responsável da política de Saúde assume plena consciência do valor económico e social em perigo. As farmácias são a maior e melhor distribuída rede de serviços de saúde. Mais de 70% da população tem uma farmácia a menos de dez minutos de casa. Uma recente sondagem da Universidade Católica revelou que a farmácia é o serviço de saúde mais procurado aos primeiros sintomas de doença quotidianos, com índices de satisfação superiores a 90 por cento.

As farmácias portuguesas já antes da crise praticavam as margens de comercialização mais baixas da Europa, apenas a par da Roménia. Mas oferecem um serviço alinhado pelos melhores padrões mundiais de qualidade, com três farmacêuticos por farmácia, rotinados na actualização científica ao longo da carreira. A rede de farmácias também investiu, sempre à frente do tempo, nos melhores instrumentos tecnológicos e informáticos dedicados à segurança e qualidade da dispensa de medicamentos.

AS FARMÁCIAS ESTÃO PREPARADAS PARA SEREM PARCEIRAS DO SNS

Adalberto Campos Fernandes mostra empenho em passar das palavras aos actos e na materialização de uma solução até ao final de Abril. O ministro defende um modelo que, «salvaguardando a estabilidade orçamental, crie mecanismos para que as farmácias não fiquem tão dependentes da margem e tenham outros lucros relacionados com a prestação de serviços, ou até com o aviamento de receitas médicas».

Todos sabemos que a solução do grave problema das farmácias se tornou dramaticamente urgente.

Se falhássemos agora, a qualidade do serviço farmacêutico sofreria perdas irreparáveis.

Deve entusiasmar-nos, como sempre aconteceu, a possibilidade que se abre de os farmacêuticos contribuírem para mais um salto organizativo no SNS. As farmácias estão preparadas para serem parceiras do SNS, na Saúde Pública e na programação estrutural de poupanças orçamentais, como acontece nos melhores sistemas de saúde do Mundo.

Chegou a hora de agir.

Aurovitas, o mesmo compromisso uma nova embalagem.



*DCI - Denominação Comum Internacional

**Com a Aurovitas mudam as embalagens
mas a confiança é a mesma de sempre.**

A mesma equipa, os mesmos produtos, a mesma estratégia. Mas sobretudo o **mesmo compromisso** enquanto parceiro na saúde dos Portugueses. Chegou a hora de nos darmos a conhecer a todos.


AUROVITAS[®]
Compromisso para a vida.



Todos partilhamos
um desejo. Ir onde
os nossos sonhos
nos levam.

Melhor saúde
para um **mundo melhor**

Na Mylan, estamos comprometidos em ajudar as pessoas a viver os seus sonhos ao fornecermos acesso a cuidados de saúde de elevada qualidade aos 7 mil milhões de pessoas do mundo, uma pessoa de cada vez.

Descubra mais em mylan.pt

 **Mylan**

Seeing
is believing*

*Ver para crer